

YAN
KATU



xingu

REFLEXOS INDÍGENAS
NO DESIGN CONTEMPORÂNEO







Foto: Lucas Rosin

YANKATU
ARTE + DESIGN + HERANÇA CULTURAL

Ministério da Cultura apresenta:



XINGU

REFLEXOS INDÍGENAS
NO DESIGN CONTEMPORÂNEO

Território Indígena do Xingu e São Paulo
2025

Apoio:



THE DEALERS



Parceria:

museu
A CASA
do objeto brasileiro

Patrocínio:

SHERWIN
WILLIAMS.

Realização:

YANKATU

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO



sumário

1. O que nos trouxe até aqui? _____ 18

2. O Povo Mehinaku _____ 32

3. O Artesanato _____ 48

4. Em busca do verdadeiro ouro _____ 54

5. O Fio como Conexão _____ 62

6. O Tingimento Natural: As Cores da Floresta _____ 70

7. Processos compartilhados: Oficina, Autonomia e Criação _____ 78

8. Obras e Histórias: Peças, Processos e Pessoas _____ 94

9. Reflexos Indígenas no Design Contemporâneo _____ 102

10. Exposição: Reflexos Indígenas no Design Contemporâneo _____ 214

11. Impacto e Propósito _____ 230

12. Ficha Técnica e Agradecimentos _____ 232

contents

18 _____ *What brought us here? .1*

32 _____ *The Mehinaku People .2*

48 _____ *Craftsmanship .3*

54 _____ *In search of true gold .4*

62 _____ *Thread as connection .5*

70 _____ *Natural Dyeing: The Colors of the Forest .6*

78 _____ *Shared processes: Workshop, Autonomy, and Creation .7*

94 _____ *Works and Stories: Pieces, Processes, and People .8*

102 _____ *Indigenous Reflections on Contemporary Design .9*

214 _____ *Exhibition: Indigenous Reflections on Contemporary Design .10*

230 _____ *Impact and Purpose .11*

232 _____ *Credits and Acknowledgments .12*

Capa: Talu Tubias Mehinako
Contracapa: Preparação para ritual

Cover: Talu Tubias Mehinako
Back cover: Preparation for ritual

Na página anterior: Aldeia Kaupūna
Na página ao lado: Aldeia Kaupūna

Previous page: Kaupūna Village
Opposite page: Kaupūna Village



Foto: Lucas Rosin



EXPEDIENTE

Coordenação editorial: **Maria Fernanda Paes de Barros**

Projeto gráfico: **Maria Helena Emediato**

Produção de textos: **Angelo Miguel**

Revisão: **Fernanda Patres**

Tradução para inglês: **Maria Fernanda Paes de Barros**

Fotos: **Lucas Rosin, Maria Fernanda Paes de Barros,
Yatsima Mehinako, Daniel Freire, Takualu Mehinako,
Mayawari Mehinako, Kulikyrda Mehinako**

CREDITS

Editorial coordination : **Maria Fernanda Paes de Barros**

Graphic design: **Maria Helena Emediato**

Text production: **Angelo Miguel**

Text proofreading: **Fernanda Prates**

Translation: **Maria Fernanda Paes de Barros**

Pictures: **Lucas Rosin, Maria Fernanda Paes de Barros,**

Yatsima Mehinako , Daniel Freire, Takualu

Mehinako, Mayawari Mehinako, Kulikyrda Mahinako

Na página ao lado: Tamayua Mehinako

Na página seguinte: Buritizal no rio Mirassol

Opposite page: Tamayua Mehinako

Next page: Buritizal on the Mirassol River

YANKATU

arte + design + herança cultural

A Yankatu é um estúdio de design, pesquisa e desenvolvimento de Projetos Culturais e de Design Social, fundado por Maria Fernanda Paes de Barros em 2014. Atua na valorização dos saberes tradicionais brasileiros por meio de criações colaborativas com comunidades artesãs, promovendo a sustentabilidade cultural e econômica desses grupos. Seus projetos constroem pontes entre diferentes formas de conhecimento, respeitando o tempo, a história e a identidade de cada território.

Na crença do povo Kamayurá, “Yankatu” é a alma que representa a nossa essência: aquilo que nos torna únicos. É a soma de saberes, experiências, afetos e contextos que moldam quem somos. Inspirada por essa visão, a Yankatu compreende que o que torna uma pessoa – ou uma obra – única é justamente essa confluência de tradições, vivências e encontros. Por isso, o estúdio se propõe como um espaço de conexões: entre o design e o fazer artesanal, entre o contemporâneo e o ancestral, entre criação e propósito.

Maria Fernanda Paes de Barros é designer, artista e idealizadora da Yankatu. Seu trabalho nasce da escuta e da construção de relações profundas com comunidades artesãs em diferentes regiões do Brasil. Ao longo dos anos, tem desenvolvido projetos que integram saberes ancestrais a práticas contemporâneas com ética, sensibilidade e responsabilidade. Por meio do design, transforma narrativas em formas que valorizam o fazer manual como linguagem e propõem novos olhares sobre as tradições no mundo de hoje.

YANKATU

art + design + cultural heritage

Yankatu is a design, research, and development studio for cultural and social projects, founded by Maria Fernanda Paes de Barros in 2014. It promotes traditional Brazilian knowledge through collaborative creations with artisan communities, promoting the cultural and economic sustainability of these groups. Its projects build bridges between different forms of knowledge, respecting the time, history, and identity of each territory.

In the Kamayurá people's belief, “Yankatu” is the soul that represents our essence—that which makes us unique. It is the sum of knowledge, experiences, affections, and contexts that shape who we are. Inspired by this vision, Yankatu understands that what makes a person—or a work—unique is precisely this confluence of traditions, experiences, and encounters. Therefore, the studio proposes itself as a space for connections: between design and artisanal work, between the contemporary and the ancestral, between creation and purpose.

Maria Fernanda Paes de Barros is a designer, artist, and founder of Yankatu. Her work stems from listening to and building deep relationships with artisan communities in different regions of Brazil. Over the years, she has developed projects that integrate ancestral knowledge with contemporary practices with ethics, sensitivity, and responsibility. Through design, she transforms narratives into forms that value manual work as a language and propose new perspectives on traditions in today's world.





A Sherwin-Williams acredita no poder da cor para contar histórias, construir pontes e transformar realidades. Com esse propósito, a marca tem orgulho de apoiar o projeto Xingu: Reflexos Indígenas no Design Contemporâneo, idealizado por Maria Fernanda Paes de Barros, da Yankatu, em parceria com artesãos do povo Mehinaku, do Alto Xingu. A iniciativa é fruto de um processo imersivo e colaborativo, que valoriza os saberes tradicionais indígenas e os conecta a práticas contemporâneas do design.

Mais do que um experimento cromático, o projeto proporcionou uma vivência artística e comunitária transformadora. Homens, mulheres, crianças e jovens participaram ativamente das etapas de coleta, tingimento e criação, expandindo o repertório da aldeia e despertando o interesse das novas gerações por práticas ligadas à ancestralidade. A Sherwin-Williams reconhece o valor dessa transmissão intergeracional e acredita que iniciativas como essa têm papel fundamental na valorização da diversidade, da escuta e da preservação dos saberes tradicionais.

A exposição realizada no Museu A CASA reflete esse encontro profundo. O projeto expositivo conta com tonalidades do catálogo da Sherwin-Williams, selecionadas para realçar a estética das peças e dialogar com a paleta criada na aldeia. Acreditamos no poder da cor como ferramenta de expressão e conexão, e é uma honra que as cores da marca estejam presentes na exposição Xingu, ajudando a contar essa história tão rica de saberes, trocas e criatividade.

Ao apoiar o projeto Xingu, a Sherwin-Williams reforça seu compromisso com iniciativas que promovem o respeito aos modos de vida tradicionais, a inclusão, a sustentabilidade e a arte como forma de transformação social. A marca é aliada de ações que contribuem para ampliar horizontes, inspirar novos olhares e fortalecer a construção de um futuro mais consciente, plural e conectado às raízes do Brasil.

Patricia Fecci

Gerente de Marketing para Serviços de Cor e Design da Tintas Sherwin-Williams



Sherwin-Williams believes in the power of color to tell stories, build bridges, and transform realities. To this end, the brand is proud to support the project Xingu: Indigenous Reflections in Contemporary Design, conceived by Maria Fernanda Paes de Barros of Yankatu, in partnership with artisans from the Mehinaku people of the Upper Xingu. The initiative is the result of an immersive and collaborative process that values traditional Indigenous knowledge and connects it to contemporary design practices.

More than a chromatic experiment, the project provided a transformative artistic and community experience. Men, women, children, and young people actively participated in the collection, dyeing, and creation stages, expanding the village's repertoire and sparking the interest of new generations in practices linked to their ancestral heritage. Sherwin-Williams recognizes the value of this intergenerational transmission and believes that initiatives like this play a fundamental role in valuing diversity, listening, and preserving traditional knowledge.

The exhibition at the A CASA Museum reflects this profound encounter. The exhibition design features shades from the Sherwin-Williams catalog, selected to enhance the aesthetics of the pieces and connect with the palette created in the village. We believe in the power of color as a tool for expression and connection, and it is an honor that the brand's colors are present in the Xingu exhibition, helping to tell this rich story of knowledge, exchange, and creativity.

By supporting the Xingu project, Sherwin-Williams reinforces its commitment to initiatives that promote respect for traditional ways of life, inclusion, sustainability, and art as a form of social transformation. The brand is an ally of actions that contribute to broadening horizons, inspiring new perspectives, and strengthening the construction of a more conscious, pluralistic future connected to Brazil's roots.

Patricia Fecci

Gerente de Marketing para Serviços de Cor e Design da Tintas Sherwin-Williams



o que nos trouxe até aqui?
WHAT BROUGHT US HERE?

Na página ao lado: Maria Fernanda Paes de Barros
Opposite page: Maria Fernanda Paes de Barros



Foto: Lucas Rosin



XINGU 2025

Da minha primeira visita ao Xingu, em 2019, lembro-me do calor que subia da terra vermelha, do colorido do beiju sob o fogo, da engenhosidade na construção das ocas, da intensidade das cores e de uma beleza natural que é parte do cotidiano. Lembro também da sensação de estar em casa, da dança das crianças na areia, do som e do silêncio.

Pouco mais de cinco anos se passaram e eu estou de volta. Volto do concreto da cidade grande, das horas marcadas, dos papéis e telas, para o tempo ancestral do Xingu, onde cada cor carrega uma história, onde o saber pulsa na terra, e essa terra transborda a essência da vida.

Diferente da primeira vez, quando cheguei completamente livre e deixei as sensações, a escuta e os acontecimentos guiarem meus passos, desta vez venho com uma missão a ser realizada. Isso não significa que a liberdade de sentir, ouvir e aprender não siga latente habitando em mim, quer dizer apenas que, além de tudo isso, há também algo maior que extrapola o eu e o outro, que busca transcender o espaço e o tempo.

From my first visit to Xingu in 2019, I remember the heat rising from the red earth, the colorful beiju (a type of manioc flour) under the fire, the ingenuity in the constructions of the huts, the intensity of the colors, and a natural beauty that is part of everyday life. I also remember the feeling of being at home, the children dancing in the sand, the sounds and silence.

A little over five years have passed, and I'm back. I return from the concrete of the big city, from the scheduled hours, from the papers and canvases, to the ancestral time of Xingu— where every color carries a story, where knowledge pulses in the earth, and this earth overflows with the essence of life.

Unlike the first time, when I arrived completely free and let sensations, listening, and events guide my steps, this time I come with a mission to accomplish. This doesn't mean that the freedom to feel, listen, and learn doesn't still reside latently within me; it simply means that, beyond all this, there is also something greater that transcends the self and the other, and seeks to transcend space and time.

Na página ao lado, acima: Mesa Beiju, coleção XIngu; Abaixo: Kayanaku Aweti fazendo beiju.

Opposite page, above: Beiju table, XIngu collection; Opposite page below: Kayanaku Aweti making beiju.

Foto: Lucas Rosin



Foto: Maria Fernanda paes de Barros





Foto: Lucas Rosin

Algo que pretende ressoar mais longe, conectando quem está distante, quem não faz ideia, quem já admira, mas não sabe como se aproximar, quem acha impossível, quem quer mergulhar mais fundo, quem quer sonhar junto.

Volto acompanhada de uma equipe composta por pessoas que acreditam na verdade e na potência do projeto **Xingu: Reflexos Indígenas no Design Contemporâneo**. Um projeto que nasceu no decorrer de 2020 quando eu e o Kulikyrda Mehinaku, artista indígena, e hoje grande amigo, driblávamos a pandemia para que a primeira Coleção Xingu - desenvolvida a distância - pudesse existir. Naquela época, não querendo trabalhar com os fios comprados nas lojas das cidades, pedi a ele que coletasse as cascas, folhas, raízes e frutos das árvores usadas na construção das ocas, nos rituais e no artesanato produzido na aldeia Kaupūna, localizada no Alto Xingu, MT.

Há pouco tempo, eu tinha me deparado com o trabalho da pesquisadora Maibe Marocco, da Matricaria, que busca mapear o Brasil através das cores da natureza. Em uma conversa, procurei entender se ela teria interesse em extrair os pigmentos tintoriais das matérias-primas coletadas pelo Kulikyrda - que também é chamado de Stive - e, assim, demos início à primeira leva de fios de algodão tingidos com as cores da floresta.

Nos anos seguintes, a Coleção Xingu,

Something that aims to resonate further, connecting those who are distant, those who have no idea, those who already admire but don't know how to achieve it, those who think it's impossible, those who want to dive deeper, those who want to dream together.

*I return accompanied by a team of people who believe in the truth and power of the **Xingu Project: Indigenous Reflections in Contemporary Design**. A project that began in 2020 when Kulikyrda Mehinaku, an Indigenous artist and now a great friend, and I navigated the pandemic so that the first Xingu Collection—developed remotely—could exist. It was at that time that, not wanting to work with colored yarn purchased in city stores, I asked him to collect the bark, leaves, roots, and fruits of the trees used in the construction of huts, in rituals, and in the crafts produced in the Kaupūna village, located in Alto Xingu, Mato Grosso, Brazil.*

Not long ago, I had come across the work of researcher Maibe Marocco, from Matricaria, who seeks to map Brazil through the colors of nature. During a conversation, I sought to understand whether she would be interested in extracting dye pigments from the raw materials collected by Kulikyrda—also known as Stive—and thus we began the first batch of cotton yarn dyed with the colors of the forest.

In the years that followed, the Xingu Collection, which featured five pieces,

Na página ao lado: Equipe Yankatu e Povo Mehinaku coletando matéria-prima na floresta

Opposite page: Yankatu Team and Mehinaku People collecting raw materials in the forest



Foto: Lucas Rosin



Na página ao lado: detalhe esteira do móvel Oca, coleção Xingu; Nesta página: móvel Oca, coleção Xingu,

Opposite page: detail of the Oca Closet mat, Xingu collection; This page: Oca Closet, Xingu collect

composta por cinco peças, rompeu barreiras de isolamento, de culturas e idiomas, percorreu milhares de quilômetros, atravessou oceanos e cruzou os céus. Entre suas conquistas, foi uma das quatro finalistas do prêmio **Créateurs Design Awards**, em Paris, e marcou presença na **Tel Aviv Biennale of Crafts and Design 2023**, em Israel. Dessa coleção nasceu uma peça simbólica: o Balanço Kaupūna, que uniu o design de uma artista paulistana às tradições artesanais do povo Mehinaku e, pela primeira vez, reuniu o trabalho de homens e mulheres da aldeia em uma mesma criação. Levando uma mensagem de colaboração e respeito, participou de exposições no México, Bélgica, França, Suíça e Hungria, além de várias outras no Brasil.

Conforme os trabalhos iam tomando forma com as novas cores naturais, o interesse da aldeia Kaupūna crescia. Até que, um dia, Kulikyrdá me compartilhou a vontade da comunidade ter mais fios tingidos naturalmente e me perguntou se Maibe poderia tingi-los caso ele enviasse os materiais novamente.

A escuta ativa me permitiu compreender mais do que foi dito. Percebi que meu papel poderia ir além do que eu imaginei a princípio. Era evidente que Maibe tingiria os fios; isso eu sabia antes mesmo de falar com ela, pois ao longo do processo de tingimento vi seus olhos brilharem diante daquela riqueza. Mas não era isso que precisava ser feito. O que realmente faria

*broke down barriers of isolation, culture, and language, traveling thousands of kilometers, crossing oceans, and soaring through the skies. Among its achievements, it was one of four finalists for the **Créateurs Design Awards** in Paris and was featured at the **2023 Tel Aviv Biennale of Crafts and Design** in Israel. From this collection emerged a symbolic piece: the Kaupūna Swing, which combined the design of a São Paulo artist with the artisanal traditions of the Mehinaku people and, for the first time, brought together the work of men and women from the village in a single creation. Conveying a message of collaboration and respect, it participated in exhibitions in Mexico, Belgium, France, Switzerland and Hungary, as well as several others in Brazil.*

As the work took shape with the new natural colors, the interest of the Kaupūna village increased, until one day Kulikyrdá told me about their desire to have more naturally dyed yarns and asked me if Maibe could dye the yarns for the village, if he sent the materials again.

Active listening allowed me to hear beyond what he was saying and understand that my role could go further than I had initially imagined. It was clear that Maibe would dye; I knew this even before speaking to her, because throughout the dyeing process, I saw her eyes shine at the richness of the yarn. But that wasn't what needed to be done. What would really make a difference would be bringing the knowledge of natural dyeing to them, in the village, in the Xingu

Na página ao lado, acima: Bufê Abrigo, coleção Xingu; Abaixo: Aldeia Kaupūna

Opposite page, above: Shelter Buffet, Xingu collection;
Opposite page, below: Kaupūna Village

Foto: Lucas Rosin



Foto: Maria Fernanda paes de Barros





diferença seria levar o conhecimento do tingimento natural até eles, na aldeia, no Xingu. Ali era o lugar onde o processo deveria acontecer, para que tivessem autonomia de produção, com custo menor, gerando mais renda para a comunidade.

Essa ideia se uniu ao meu propósito desde a fundação da Yankatu: mostrar que o design vai muito além de forma, função e estética. Ele é uma potente ferramenta de transformação social, capaz de propor novas formas de criar, de colaborar e interpretar questões urgentes, conectando tradição e inovação com ética, respeito e sensibilidade. Ali, nascia o embrião do que viria a se tornar o **Xingu: Reflexos Indígenas no Design Contemporâneo**: que reverencia o artesanato indígena como cultura viva e trabalha lado a lado com o povo Mehinaku, integrando saberes indígenas, materiais locais e olhar contemporâneo com equilíbrio e harmonia.

Para me ajudar a dar forma a essa proposta, convidei o jornalista e produtor cultural Angelo Miguel, também apaixonado pelo fazer artesanal. Ainda em 2020, com o aval da Aldeia Kaupūna, escrevemos juntos o primeiro esboço desta experiência. Ela agora se concretiza, em uma exposição, um minidocumentário e neste catálogo, que registra um pouco do movimento de troca que construímos. Foi o início de uma trajetória de tentativas e reescritas que, em 2023, resultou na aprovação do projeto pela Lei Rouanet. Desde então, tornamo-nos parceiros na execução desta ação que

That was where the process should take place, so they could have production autonomy, at lower costs, generating more income for the community.

*This idea aligned with my purpose since founding Yankatu: to show that design goes far beyond form, function, and aesthetics. It is a powerful tool for social transformation, capable of proposing new ways of creating, collaborating, and interpreting urgent issues, connecting tradition and innovation with ethics, respect, and sensitivity. There, the embryo of what would become **Xingu Project: Indigenous Reflections in Contemporary Design**, which reveres indigenous crafts as a living culture and works side by side with the Mehinaku people, integrating indigenous knowledge, local materials and a contemporary perspective with balance and harmony.*

To help me shape this proposal, I invited journalist and cultural producer Angelo Miguel, also passionate about artisanal work. Back in 2020, with the support of Aldeia Kaupūna, we wrote the first draft of this experience together. It has now come to fruition in an exhibition, a mini-documentary, and this catalog, which captures a glimpse of the exchange we've built. It was the beginning of a journey of attempts and rewrites that, in 2023, resulted in the project's approval under the Rouanet Law. Since then, we've become partners in implementing this initiative, which focuses on collaborative development.

Na página ao lado: Maria Fernanda Paes de Barros

Opposite page: Maria Fernanda Paes de Barros

aposta no desenvolvimento colaborativo e na consciência do impacto gerado pelas relações humanas.

Por tudo isso, este não é apenas o relato de uma trajetória. É um convite para se aproximar, ouvir, aprender e se deixar tocar pelo que nasce do encontro entre mundos. Um convite para ver o design como linguagem viva, compreender o artesanato indígena como cultura pulsante e trilhar conosco este caminho de escuta, respeito e colaboração. As páginas estão abertas. Que este catálogo seja o primeiro passo de uma imersão que vai além do papel, atravessa o tempo e une histórias, saberes e sonhos.

Venha com a gente.

MARIA FERNANDA PAES DE BARROS
idealizadora e curadora

development and an awareness of the impact generated by human relationships.

For all these reasons, this is not just the account of a journey. It is an invitation to come closer, listen, learn, and be touched by what emerges from the encounter between worlds. An invitation to see design as a living language, understand Indigenous craftsmanship as a vibrant culture, and walk with us on this path of listening, respect, and collaboration. The pages are open. May this catalog be the first step in an immersion that goes beyond paper, spans time, and unites stories, knowledge, and dreams.

Come with us.

MARIA FERNANDA PAES DE BARROS
creator and curator

Na página ao lado: Maria Fernanda Paes de Barros e
Angelo Miguel

Opposite page: Maria Fernanda Paes de Barros
and Angelo Miguel





O POVO MCHINAKU
the mchinaku people

Na página ao lado: Ritual, Aldeia Kaupūna,
Opposite page: Ritual, Kaupūna Village,





No coração do Território Indígena do Xingu, em Mato Grosso, vive o povo Mehinaku – guardiões de saberes ancestrais e de uma cultura profundamente conectada à terra, aos rios e ao tempo cíclico da natureza. São cerca de 500 pessoas, distribuídas em quatro aldeias: **Uyaipiyuku, Utawana, Kaupüna e Aturuwa**. Entre elas, a **comunidade Kaupüna** é o centro pulsante dessa história: onde **o fio do buriti se transforma em rede**, o canto das flautas ecoa em rituais, as mulheres tecem, os homens esculpem, e todos vivem segundo os ensinamentos passados de geração em geração

Embora seja possível encontrar definições distintas para a origem e significado da palavra Mehinaku, é importante ressaltar que diferentes interpretações coexistem. De toda forma, o que preferimos adotar é a história contada pelo próprio povo, que carrega um olhar sobre o pertencimento, o território e os laços da comunidade. Para eles, o nome não é apenas um rótulo: é um **marco identitário**, que define o pertencimento, a relação com a terra e com o coletivo. Ser Mehinaku é fazer parte de um mundo onde tudo está conectado: a mata, os rios, os rituais, o fazer das mãos, o ensinar e o aprender.

*In the heart of the Xingu Indigenous Territory, in Mato Grosso, live the Mehinaku people – guardians of ancestral knowledge and a culture deeply connected to the land, the rivers, and the cyclical time of nature. They number approximately 500 people, spread across four villages. **Uyaipiyuku, Utawana, Kaupüna, and Aturuwa**. Among them, the **Kaupüna village** is the pulsating center of this story: where **the buriti thread turns into a net**, where the song of flutes echoes in rituals, women weave, men sculpt, and everyone lives according to the teachings passed down from generation to generation.*

*Although there are various definitions for the origin and meaning of the word Mehinaku, it is important to emphasize that multiple interpretations coexist. Still, we prefer to adopt the narrative told by the people themselves, which offers a perspective on belonging, territory, and community ties. For them, the name is not just a label: it is a **mark of identity**, defining belonging, the relationship with the land and the collective. Being Mehinaku is being part of a world where everything is connected: the forest, the rivers, the rituals, the craftsmanship, the teaching and learning.*

Na página ao lado: Yaruru Mehinako e Talukuma Tubias Mehinako

Opposite page: Yaruru Mehinako and Talukuma Tubias Mehinako





Conforme relatado pelo cacique da aldeia Kaupūna, **Yahati Mehinaku**, o nome está ligado à localização geográfica do povo. Segundo as histórias transmitidas pelos antepassados, os povos indígenas sempre habitaram a região. Entretanto, após a delimitação do Território Indígena do Xingu, homologada em 1961, foi necessário definir um nome oficial. Segundo Yahati, **Mehinaku** era o nome dado ao sítio - ou espaço - onde se realizavam as plantações da etnia. Durante essa troca de informações, como o português não era dominado pela maioria da aldeia e o Aruak também nunca foi assimilado pelos não-indígenas, eles adotaram o nome do local. Para Kulikyrdá, pode ter havido dificuldades de compreensão por conta das diferenças culturais e linguísticas, mas atualmente a palavra representa bem sua identidade..

O cotidiano dos Mehinaku é marcado pelo trabalho coletivo e pelo respeito às tradições. Cultivam roças, pescam, caçam e coletam frutos da floresta. A **mandioca** alimento-base, é transformada em beiju e mingaus; peixes e carnes de caça complementam a dieta. Mas o alimento mais profundo é simbólico: presente nos gestos compartilhados de tecer redes, esculpir bancos zoomorfos, cantar em roda, pintar o corpo com urucum e jenipapo, e dançar o **Kuarup** – ritual que homenageia os mortos e renova os laços da comunidade.

O artesanato é uma das expressões mais

*As reported by the chief of the Kaupūna village, **Yahati Mehinaku**, the name is linked to its geographic location. According to the stories told by ancestors, Indigenous peoples have always inhabited the region. However, after the demarcation of the Xingu Indigenous Territory, approved in 1961, it was necessary to define an official name. According to Yahati, **Mehinaku** was the name given to the site – or space – where the ethnic group's plantations were grown. During this exchange of information, since Portuguese was not spoken by the majority of the village and Aruak was also never assimilated by non-Indigenous people, they adopted the name of the place. For Kulikyrdá, there may have been difficulties in understanding due to cultural and linguistic differences, but today the word represents their identity well.*

*The daily life of the Mehinaku is marked by collective work and respect for traditions. They cultivate crops, fish, hunt, and gather forest fruits. **Cassava**, their staple food, is transformed into beiju and porridge; fish and game complement the diet. But the deepest nourishment is symbolic: present in the shared gestures of weaving hammocks, carving zoomorphic benches, singing in circles, painting their bodies with annatto and genipap, and dancing the **Kuarup** – a ritual that honors the dead and strengthens community ties.*

Craftsmanship is one of the most significant expressions of Mehinaku culture. Women,

Na página ao lado: Yahati Mehinaku

Na página seguinte, à esquerda: Takulalu Mehinaku e Kawiru Mehinaku;
Na página seguinte, à direita: Tamayua Mehinaku

Opposite page: Yahati Mehinaku

Next page, left: Takulalu Mehinaku and Kawiru Mehinaku;
Next page, right: Tamayua Mehinaku



Foto: Carol Magliari



Foto: Lucas Rosin

significativas da cultura Mehinaku. As mulheres, especialmente, são as **guardiãs do saber do buriti** – a palmeira que eles chamam de “árvore da vida”. Dos brotos do buriti, extraem fitas finas que, torcidas sobre as coxas, tornam-se fios resistentes. Com os fios e talos, tecem redes, esteiras, cestos e adornos. Esse trabalho exige **tempo, força e paciência**: uma única bola de fio de buriti pode levar até 25 dias para ser produzida, e uma rede de casal, por exemplo, precisa de uma bola inteira.

Os homens são conhecidos por esculpir bancos zoomorfos – obras que representam animais como onças, jacarés e pássaros – além de fabricar remos, arcos, flechas, cocares e grafismos com significados espirituais. Em rituais como o Kuarup, o Tajuara e o Tawarawana, pintam-se e adornam os corpos com miçangas coloridas, colares, cocares, fios de algodão, celebrando a memória dos ancestrais com música, dança e canto.

A língua dos Mehinaku é o **Aruak**, com o Português como segunda língua, o que eventualmente pode dificultar a compreensão e comunicação com os não-indígenas. As mulheres, que não costumam ter a mesma autonomia dos homens, dependem deles para vender seus artesanatos ou para se comunicar com o “mundo exterior”. Essa diferença revela um desafio: **como garantir a autonomia e o fortalecimento das mulheres Mehinaku sem ferir seus modos de vida?** É essa pergunta que projetos como o

*especially, are the **guardians of the knowledge** of the buriti palm – the palm they call the “tree of life”. From the buriti buds, they extract thin ribbons that, twisted over their thighs, become strong threads. With the threads and stems, they weave hammocks, mats, baskets, and ornaments. This work requires **time, strength, and patience**: a single ball of buriti thread can take up to 25 days to make, and a couple’s hammock, for example, requires an entire ball.*

Men are known for carving zoomorphic benches – works representing animals such as jaguars, alligators, and birds – as well as making oars, bows, arrows, headdresses, and graphic designs with spiritual meanings. In rituals such as Kuarup, Tajuara, and Tawarawana, they paint and adorn their bodies with colorful beads, necklaces, headdresses, and cotton threads, celebrating the memory of their ancestors with music, dance, and song.

*The Mehinaku language is **Aruak**, with Portuguese as a second language, which can sometimes hinder understanding and communication with non-Indigenous people. Women, who do not typically enjoy the same autonomy as men, depend on them to sell their crafts or to communicate with the “outside world”. This difference reveals a challenge: **how to ensure the autonomy and empowerment of Mehinaku women without harming their way of life?** This is the question that projects like **Xingu: Indigenous***

Na página ao lado: Kawiru Mehinako e Yaritsu Waura
Opposite page: Kawiru Mehinako and Yaritsu Waura



Xingu: Reflexos Indígenas no Design Contemporâneo tentam responder.

Nos últimos anos, a relação entre design e fazer tradicional tem sido construída com **cuidado e respeito**. Os encontros entre Mehinaku, artistas e pesquisadores não buscam “inovar”, mas trocar: aprender com o saber das mulheres sobre as riquezas da floresta, valorizar o olhar dos homens no desenho das formas e abrir caminhos para que o artesanato seja fonte contínua de renda e orgulho – sem diluir sua essência.

Ser Mehinaku é habitar entre o ontem e o amanhã, **preservando histórias na memória coletiva e no gesto das mãos**. É carregar o tempo no ritmo das estações e no pulsar das flautas; é manter viva a arte de transformar o buriti em beleza, o canto em conexão, e o design em ferramenta de resistência.

“Ser Mehinaku é escutar os mais velhos e ensinar as crianças. É viver no tempo da natureza, com calma e respeito. A gente não separa o fazer do viver”, conclui Kulikyda.

É existir num mundo onde tudo – a vida, o fazer, o ser – está tecido junto.

Reflections in Contemporary Design attempt to answer.

*In recent years, the relationship between design and traditional craftsmanships has been forged with **care and respect**. The encounters between Mehinaku, artists and researchers do not seek to “innovate”, but rather to exchange: to learn from women’s knowledge about the riches of the forest, to value men’s perspectives on the design of forms, and to pave the way for crafts to become a continuous source of income and pride – without diluting their essence.*

*Being Mehinaku is to inhabit the space between yesterday and tomorrow, **preserving stories in collective memory and in the gestures of hands**. It is to carry time in the rhythm of the seasons and the pulse of flutes; it is to keep alive the art of transforming buriti palm into beauty, song into connection, and design into a tool of resistance.*

“Being Mehinaku means listening to your elders and teaching your children. It’s living in the rhythm of nature, with calm and respect. We don’t separate doing from living,” concludes Kulikyda.

It is to exist in a world where everything – life, doing, being – is woven together.

Na página ao lado, à esquerda: Yuma Mehinakopor;
Na página seguinte, à esquerda: Yapanapa Mehinako; à direita: Kulikyda Mahinaku

Opposite page, left: Yuma Mehinakopor;
Next page, left Yapanapa Mehinako; next page, right: Kulikyda Mahinaku



Foto: Lucas Rosin



Foto: Lucas Rosin

“Ser Mehinaku é escutar os mais velhos e ensinar as crianças. É viver com o tempo da natureza, fazendo tudo com calma e respeito. A gente não separa o fazer do viver.” — Kulikyrda Mehinako

“Being Mehinaku means listening to our elders and teaching our children. It’s living with the rhythm of nature, doing everything with calm and respect. We don’t separate doing from living”.
– Kulikyrda Mehinako

Na imagem: Hugo Mehinako, Talukuma Tubias Mehinako e Yahati Mehinako
Image: Hugo Mehinako, Talukuma Tubias Mehinako and Yahati Mehinako





o artesanto
CRAFTSMANSHIP

Na página ao lado: Yahati Mehinku tecendo uma máscara

Opposite page: Yahati Mehinku weaving a mask





O fazer artesanal dos Mehinaku é um universo de gestos precisos e saberes marcados pelo tempo – uma herança transmitida pelas mãos e pela escuta, guiada por uma divisão clara de papéis entre homens e mulheres.

As mulheres são as fiandeiras do buriti, conhecedoras do momento certo para colher, do ponto ideal para raspar a palmeira e da força exata para torcer as fibras sobre as coxas. Com fios e talos, elas criam redes, esteiras, cestos e adornos que sustentam o cotidiano, embalam o descanso e confortam os corpos da aldeia. Cada peça requer paciência, precisão e um olhar atento aos padrões que atravessam a história da etnia.

Os homens são os escultores da madeira e os guardiões dos grafismos. Cortam o tronco, secam a madeira no tempo certo e entalham bancos zoomorfos, remos, arcos, flechas e instrumentos musicais. Esses objetos vão além da utilidade prática: guardam símbolos, representam animais, contam histórias e acompanham rituais – seja nos corpos pintados com urucum e jenipapo, seja no som das flautas que ecoam em cerimônias como Kuarup, o Takuara e o Tawarawana.

The Mehinaku artisanal work is a universe of precise gestures and knowledge shaped by time – a heritage transmitted by hands and listening, guided by a clear division of roles between men and women.

Women are the buriti spinners, knowing the right time to harvest, the ideal point to scrape the palm, and the precise strength to twist the fibers on their thighs. With threads and stalks, they create hammocks, mats, baskets, and ornaments that sustain daily life, provide rest, and comfort the villagers. Each piece requires patience, precision, and a keen eye for the patterns that permeate the history of the ethnic group.

Men are the wood carvers and guardians of the graphic patterns. They cut the tree trunk, dry the wood at the right time, and carve zoomorphic benches, oars, bows, arrows, and musical instruments. These objects go beyond practical use: they hold symbols, represent animals, tell stories, and accompany rituals – whether through bodies painted with annatto and genipap, or through the sound of flutes that echo in ceremonies such as Kuarup, Takuara, and Tawarawana.

Na página ao lado, acima: Detalhe banco e mão Kulikyrdá Mehinaku; Na página ao lado, abaixo: bancos zoomorfos

Opposite page, above: Detail of the Kulikyrdá Mehinaku bench and hand; Below: zoomorphic benches

Foto: Lucas Rosin



Foto: Lucas Rosin





Cada técnica e objeto refletem o cuidado de quem respeita o tempo do fazer e valoriza o gesto. As fibras são preparadas com rigor, a madeira escolhida com sabedoria, e as cores extraídas da natureza com respeito. Tudo carrega a marca da precisão, da paciência e de um saber construído coletivamente.

Por isso, o artesanato Mehinaku é reconhecido por sua **excelência técnica e estética**: redes que unem resistência e leveza, bancos que são ao mesmo tempo obras de arte e objetos de uso, cestos que preservam a memória do território. Cada peça nasce de um saber cultivado pela observação, repetição, atenção ao tempo e partilha entre gerações.

No fazer Mehinaku, a técnica é mais que habilidade: **é linguagem, tradição e identidade**. É o fio invisível que conecta o passado ao presente, o território à cultura, o gesto individual à força da coletividade.

Each technique and object reflects the care of those who respect the time of making and value the gesture. The fibers are prepared with rigor, the wood chosen with wisdom, and the colors extracted from nature with respect. Everything bears the mark of precision, patience, and a collectively constructed knowledge.

*Therefore, Mehinaku craftsmanship is recognized for its **technical and aesthetic excellence**: hammocks that combine strength and lightness, , benches that are simultaneously works of art and objects of use, baskets that preserve the memory of the territory. Each piece is born from knowledge cultivated through observation, repetition, attention to time, and sharing between generations.*

*In Mehinaku practice, technique is more than skill: it **is language, tradition, and identity**. It is the invisible thread that connects past to present, territory to culture, individual gesture to the strength of the collective.*

Na página ao lado: Yaritsu Waura tecendo uma esteira

Opposite page Yaritsu Waura weaving a mat



em BUSCA DO VERDADEIRO OURO
IN SEARCH OF TRUE GOLD

Na página ao lado: Kulykirda Mehinako e Maria Fernanda Paes de Barros
com meadas de algodão tingidas naturalmente durante as oficinas

*On the opposite page: Kulykirda Mehinako and Maria Fernanda Paes de Barros
with skeins of cotton dyed naturally during the workshops*





Antes de sua primeira viagem ao Xingu, em 2019, Maria Fernanda já havia tido uma vivência próxima a comunidades indígenas. E, embora sua admiração por esses povos sempre estivesse presente, a imersão na aldeia Kaupūna foi diferente. O convite surgiu após seu encontro com Kulikyrda, que, ao lado de outros membros da aldeia, participava de uma das edições da SP-Arte, em São Paulo.

Depois de algumas conversas e trocas de contato – motivadas por um interesse mútuo em integrar produções artesanais a obras de design –, Kulikyrda a convidou para conhecer de perto não apenas as criações, mas também os modos de vida e as tradições de seu povo. O artista disse que verificaria as possibilidades com seu pai, o cacique Yahati Mehinaku – e assim o fez. Semanas depois, voltou a entrar em contato avisando que sua mãe, Kayanaku Aweti, realizaria o ritual das mulheres para recebê-la. Surpresa ao constatar que o convite era real, Maria Fernanda embarcou em uma jornada que continua ecoando desde então.

Ao chegar ao Xingu, os anseios, as dúvidas e as surpresas deram lugar a uma sensação inesperada de pertencimento. Uma identificação imediata passou a marcar

Before her first trip to Xingu in 2019, Maria Fernanda had already had close contact with indigenous communities. And although her admiration for them had always been present, her immersion in the Kaupūna village was different. The invitation came after meeting Kulykirda, who, along with other members of the village, was participating in one of the SP-Arte events in São Paulo.

After a few conversations and exchanges – motivated by a mutual interest in integrating artisanal productions into design works – Kulikyrda invited her to experience not only the creations but also the way of life and traditions of his people. The artist said he would discuss the possibilities with his father, Chief Yahati Mehinaku – and he did. Weeks later, he contacted her again, announcing that his mother, Kayanaku Aweti, would perform the women's ritual to welcome her. Surprised to find out that the invitation was real Maria Fernanda embarked on a journey that continues to echo ever since.

Upon arriving in Xingu, her anxieties, doubts, and surprises gave way to an unexpected sense of belonging. An immediate connection became a part of her daily routine. As the days passed and

Na página ao lado: Kaminapiralu Leticia Mehinako, Uveku Gabi Mehinako, Kawiru Diana Mehinako Maitsa Lara Mehinako, Tsapuyuya Katrina Aweti, Crisa Santos e Maria Fernanda Paes de Barros

Opposite page: Kaminapiralu Leticia Mehinako, Uveku Gabi Mehinako, Kawiru Diana Mehinako Maitsa Lara Mehinako, Tsapuyuya Katrina Aweti, Crisa Santos and Maria Fernanda Paes de Barros





Foto: Mayawari Mehinako



Foto: Takualu Mehinako

sua rotina. Com o passar dos dias e o aprofundamento das trocas, formou-se uma relação genuína, que despertou nela o desejo de mergulhar ainda mais fundo em suas raízes. Sem memórias familiares que indicassem ascendência indígena, Maria Fernanda decidiu realizar um teste de DNA, que confirmou a ausência de vínculos genéticos com povos originários do Brasil.

Na busca pela história de sua família, Maria Fernanda chegou ao século XVIII, quando descobriu que seus ancestrais diretos, os irmãos Fernando e Artur Paes de Barros, participaram de uma expedição em 1734 em busca dos indígenas Pareci, em um território que ainda não tinha nome definido. Na época, os Pareci eram considerados o “gentio mais procurado”, o que indica que o objetivo da expedição era capturá-los – prática comum entre os bandeirantes paulistas no período colonial. Durante a jornada, os irmãos encontraram um grande veio de ouro na região do rio Galera. Impressionados com a densidade da mata, batizaram o local de “Minas do Mato Grosso”. O nome, nascido da exuberância da floresta, acabou nomeando todo o território. Em 1748, a Coroa Portuguesa oficializou a Capitania de Mato Grosso, eternizando no mapa do Brasil o registro daquela jornada.

Essa história, embora faça parte de seus antepassados, não é motivo de orgulho. Ainda assim, é um fato histórico que, apesar de desconhecido até então, parece oferecer uma explicação quase cósmica

Na página ao lado, à esquerda: Maria Fernanda Paes de Barros; À direita: Takualu Mehinako, Makuai Mehinako, Katapa Jardel Mehinako e Maria Fernanda Paes de Barros

Opposite page, left: Maria Fernanda Paes de Barros; Opposite page, right: Takualu Mehinako, Makuai Mehinako, Katapa Jardel Mehinako e Maria Fernanda Paes de Barros

the exchanges deepened, a genuine connection formed, awakening in her a desire to delve even deeper into her roots. With no family memories indicating Indigenous ancestry, Maria Fernanda decided to take a DNA test, which confirmed the absence of genetic ties to the original peoples of Brazil.

In search for her family history, Maria Fernanda reached the 18th century, where she discovered that her direct ancestors, the brothers Fernando and Artur Paes de Barros, had participated in an expedition in 1734 in search of the Pareci indigenous people, in a territory that had not yet been defined. At the time, the Pareci were considered the “most wanted people,” which indicates that the expedition’s objective was to capture them – a common practice among São Paulo bandeirantes in the colonial period. During the journey, the brothers found a large vein of gold in the Galera River region. Impressed by the density of the forest, they named the place “Minas do Mato Grosso.” The name, born from the lushness of the forest, ended up naming the entire territory. In 1748, the Portuguese Crown officialized the Captaincy of Mato Grosso, immortalizing the record of that journey on the map of Brazil.

This story, though part of her ancestors’ heritage, is not a source of pride. Still, it is a historical fact that, though unknown until then, seems to offer an almost cosmic explanation for her connection to that

para sua conexão com aquele território – como se o retorno fosse uma resposta a um passado ao qual estivesse ligada de alguma forma. O aspecto positivo é que, ao tomar conhecimento de tudo isso, seu engajamento com as causas indígenas se fortaleceu, tornando-se um compromisso: contribuir para a valorização e disseminação dessas culturas, seja por meio do design, da arte, do artesanato, da articulação de parcerias sustentáveis ou simplesmente convidando representantes indígenas – sempre que possível – a contar suas próprias histórias, no Brasil e no exterior.

Hoje, ao olhar para os frutos de sua relação com os Mehinaku, é possível dizer que seus antepassados, em meio a um contexto histórico problemático, buscavam ouro. Mas é Maria Fernanda, nos dias atuais, quem está realmente em contato com uma das verdadeiras riquezas daquele lugar.

territory – as if her return were a response to a past to which she was somehow linked. The positive aspect is that, upon learning all of this, her engagement with Indigenous causes strengthened, becoming a commitment: to contribute to the appreciation and dissemination of these cultures, whether through design, art, crafts, the establishment of sustainable partnerships, or simply by inviting Indigenous representatives – whenever possible – to tell their own stories, in Brazil and abroad.

Today, looking at the fruits of her relationship with the Mehinaku, it is possible to say that her ancestors, amidst a problematic historical context, sought gold. But it is Maria Fernanda, today, who truly in touch with one of the true riches of that place.

Na página ao lado: Kulikyrda Mehinaku e Maria Fernanda Paes de Barros
Opposite page: Kulikyrda Mehinaku and Maria Fernanda Paes de Barros



Foto: Yatsima Mehinako



O FIO como conexão

thread as connection

Na página ao lado: Confecção de meadas

Opposite page: Making skeins





No Xingu, os fios de buriti não são apenas matéria-prima; são linha do tempo, elo entre gerações e linguagem silenciosa entre mulheres. Pelas mãos das fiandeiras, o buriti se transforma: da palmeira viva à fibra delicadamente torcida sobre as coxas, toma forma em esteiras, redes, cestos e adornos que sustentam o cotidiano. Mais do que objetos, esses trançados mantêm vivas as relações entre mães, filhas, tias e avós. Cada fio torcido carrega o peso e a leveza da partilha, da escuta e da presença.

Foi nesse fazer feminino que Maria Fernanda encontrou um espaço de conexão. Embora os olhares externos costumem se deter nos bancos zoomorfos esculpidos pelos homens, que são expressões simbólicas riquíssimas da cultura Mehinaku, foi no silêncio das tramas, no tempo das conversas entre uma torção e outra, que ela se sentiu acolhida. Durante a pandemia de Covid-19, quando as restrições de isolamento impediram o contato presencial e ameaçaram o desenvolvimento da primeira coleção nascida da parceria entre a Yankatu e os Mehinaku, as mulheres da aldeia Kaupūna, em gesto generoso, se dispuseram a compartilhar à distância uma das técnicas que usam cotidianamente.

Por meio de vídeos, áudios e fotos trocadas,

In Xingu, buriti threads are not just raw material; they are a timeline, a link between generations, and a silent language between women. In the hands of the spinners, the buriti transforms: from a living palm tree to a fiber delicately twisted on thighs, it takes shape in mats, hammocks, baskets, and ornaments that sustain daily life. More than objects, these weaves keep alive the relationships between mothers, daughters, aunts, and grandmothers. Each twisted thread carries the weight and lightness of sharing, listening, and presence.

It was in this feminine endeavor that Maria Fernanda found a space for connection. Although outsiders tend to focus on the zoomorphic benches carved by men, which are rich symbolic expressions of Mehinaku culture, it was in the silence of the weaves, in the time of conversation between one twist and the next, that she felt welcomed. During the COVID-19 pandemic, when isolation restrictions prevented in-person contact and threatened the development of the first collection born from the partnership between Yankatu and the Mehinaku, the women of the Kaupūna village, in a generous gesture, were willing to share one of the techniques they use daily, remotely.

Na página ao lado: Maria Fernanda Paes de Barros e Kayanaku Mehinko com a obra Caminho

On the next page: Maria Fernanda Paes de Barros and Kayanaku Mehinko with the work Caminho



ensinaram à Maria Fernanda a técnica de criação de esteiras com buriti e fios de algodão. Na ocasião, a designer substituiu o buriti por cilindros de madeira maciça feitos em torno, mas manteve a técnica e o algodão tingido. Essas tramas, que nas aldeias ganham diversos usos, passaram a habitar também seu trabalho. No buffet Abrigo, peça da Coleção Xingu, as esteiras foram incorporadas e destacadas de forma poética. Desde então, a obra tem ganhado premiações e figurado em publicações importantes, levando consigo a história viva da arte Mehinaku.

Essa relação de troca e cuidado culminou em um gesto simbólico e prático. Ainda em 2019, Maria Fernanda soube que, para colher o buriti, as mulheres precisavam navegar por alguns quilômetros de rio e, muitas vezes, dependiam de barcos emprestados pelos homens da aldeia. Sensível a essa realidade, ela decidiu destinar parte dos lucros da coleção, somados às contribuições de dois apoiadores, para a compra de um barco exclusivamente para elas. Mais do que um meio de transporte, o barco representa autonomia, reciprocidade e respeito. Hoje, ele pertence às mulheres Mehinaku, permitindo que sigam, sempre que necessário, seus próprios caminhos sobre as águas.

Through video, audio, and photo exchanges, Maria Fernanda was taught the technique of creating mats using buriti palm and cotton thread. On this occasion, the designer replaced the buriti palm with solid wood cylinders made on a lathe, but maintained the technique and dyed cotton. These weaves, which have a variety of uses in the villages, also became part of her work. In the Abrigo buffet, a piece from the Xingu Collection, the mats were incorporated and highlighted poetically. Since then, the work has won awards and appeared in important publications, carrying with it the living history of Mehinaku art.

This relationship of exchange and care culminated in a symbolic and practical gesture. In 2019, Maria Fernanda learned that, to harvest buriti palm, women had to navigate several kilometers of river and often relied on boats lent by the village men. Sensitive to this reality, she decided to donate part of the profits from the collection, combined with contributions from two supporters, to the purchase of a boat exclusively for them. More than a means of transportation, it represents autonomy, reciprocity, and respect. Today, the boat belongs to the Mehinaku women, allowing them to follow their own paths on the water whenever necessary.

Na página ao lado: Detalhe da obra Caminho;
Na página seguinte: Mulheres da aldeia Kaupūna recebendo doação de barco e motor

*Opposite page: Detail of the work Caminho;
Next page: Women from the Kaupūna village receiving a donation of a boat and motor*

“Agora a gente já tem a nossa própria canoa com motor — isso muda tudo. Com ela, conseguimos nos deslocar pelo rio, cortar o buriti para fazer os artesanatos, ajudar os maridos nas pescarias e, o melhor de tudo, não precisamos mais ficar pedindo a canoa dos homens. E ainda é de alumínio, bem mais resistente que as de madeira que eles usam. A de madeira dura uns sete, oito anos e depois apodrece, racha, entra água e se perde. Às vezes, eles demoram para fazer outra, e aí a gente ficaria sem ter como buscar o material. Mas essa de alumínio vai durar pra sempre. Vai ficar para as meninas que estão crescendo e aprendendo a arte com a gente. É um presente para esta geração e para as que virão.”

— Pakuiura Mehinako

Now we have our own motorized canoe – it changes everything. With it, we can travel the river, cut buriti palms for crafts, help our husbands fish, and, best of all, we no longer have to borrow the men’s canoes. And it’s made of aluminum, much stronger than the wooden ones they use. The wooden one lasts about seven or eight years, and then it rots, cracks, gets water in, and is lost. Sometimes it takes them a while to make another one, and then we’d be left with no way to get the materials. But this aluminum one will last forever. It will be for the girls who are growing up and learning the art with us. It’s a gift for this generation and for those to come.

– Pakuiura Mehinako





o tingimento natural:
as CORES DA FLORESTA

*natural dyeing:
the COLOURS OF THE FOREST*

Na página ao lado: meadas tingidas com as cores da floresta

Opposite page: skeins dyed with the colors of the forest





Entre os povos indígenas, a cor é mais que ornamento, é linguagem viva. Está presente em tudo: no corpo pintado para o ritual, nas miçangas que contam linhagens, nos colares que protegem, nos grafismos, nas pulseiras e cocares que os conectam com o sagrado. Tingir, compor e colorir fazem parte de um cotidiano onde o monocromático quase não tem espaço.

Com o Projeto Xingu, esse universo cromático se expande. A prática ancestral de tingir o corpo – tão natural quanto colher ou preparar o alimento – passa a integrar a percepção de que as cascas das árvores usadas no cotidiano também podem ser matéria-prima tintorial. O gesto de colorir atravessa o corpo e dialoga com o mundo, abrindo caminho para novas materialidades sem perder suas raízes.

O retorno à aldeia, em 2025, foi motivado pelo desejo genuíno dos artesãos. Encantados com os fios tingidos da primeira coleção, eles manifestaram interesse em incluir o tingimento natural do algodão em seus trabalhos, reconhecendo na técnica uma possibilidade concreta de agregar valor ao artesanato. A partir dessa manifestação, Maria Fernanda entendeu que o ideal seria levar a técnica até a aldeia, para que tivessem autonomia produtiva

Among Indigenous peoples, color is more than ornament; it is a living language. It is present in everything: in the painted bodies for ritual, in the beads that tell lineages, in the necklaces that protect, in the graphics, bracelets, and headdresses that connect them with the sacred. Dyeing, composing, and coloring are part of a daily life where monochrome has almost no place.

With the Xingu Project, this chromatic universe expands. The ancestral practice of dyeing the body – as natural as harvesting or preparing food – becomes part of the understanding that the bark of trees used in everyday life can also be used as dyeing raw materials. The act of coloring permeates the body and engages with the world, paving the way for new materialities without losing its roots.

The return to the village in 2025 was motivated by the artisans' genuine desire. Enchanted by the dyed yarns from the first collection, they expressed interest in incorporating natural cotton dyeing into their work, recognizing the technique as a concrete opportunity to add value to their crafts. From this perspective, Maria Fernanda realized that the ideal would be to bring the technique to the village, allowing them to gain productive and

Na página ao lado: urucum “das mulheres”
Opposite page: “women’s” annatto





e criativa.

Para isso, convidou a pesquisadora Maibe Marocco, fundadora da Matricaria, para contribuir com esse intercâmbio de saberes. Maibe dedica-se a mapear as cores dos biomas brasileiros, revelando os potenciais tintoriais das plantas nativas e propondo caminhos sustentáveis para seu uso no design, na arte e em outros suportes.

A metodologia da Matricaria une ciência, tradição e expressão estética. Por meio de uma pesquisa sensível e aprofundada, Maibe identifica e cataloga espécies tintoriais de diferentes regiões do país, resgatando saberes ancestrais e criando novas possibilidades para a produção artesanal. Seus experimentos resultam não só em corantes naturais para tecidos, mas também em aquarelas botânicas, pigmentos secos e giz de cera vegetal, todos desenvolvidos a partir de ingredientes extraídos da natureza com processos de baixo impacto ambiental. Essa abordagem, documentada no livro *A Natureza das Cores Brasileiras*, foi aplicada pela primeira vez em uma comunidade indígena durante o Projeto Xingu, utilizando recursos naturais disponíveis no entorno da aldeia.

A experiência resultou em uma paleta cromática original, com 12 cores obtidas a partir de matérias-primas colhidas, preparadas e transformadas na aldeia, respeitando os ciclos da floresta, os saberes

creative autonomy.

To accomplish this, Maria Fernanda invited researcher Maibe Marocco, founder of Matricaria, to contribute to this knowledge exchange. Maibe dedicates herself to mapping the colors of Brazilian biomes, revealing the dyeing potential of native plants and proposing sustainable paths for their use in design, art, and other media.

Matricaria's methodology combines science, tradition, and aesthetic expression. Through sensitive and in-depth research, Maibe identifies and catalogs dyeing species from different regions of the country, reviving ancestral knowledge and creating new possibilities for artisanal production. Her experiments result not only in natural dyes for fabrics, but also in botanical watercolors, dry pigments, and vegetable crayons, all developed with ingredients extracted from nature using processes with low environmental impact.

*This approach, documented in the book *The Nature of Brazilian Colors*, was first applied in an Indigenous community during the Xingu Project, using natural resources available in the village's surroundings..*

The experience resulted in an original color palette, with 12 colors obtained from raw materials harvested, prepared, and transformed in the village, respecting the forest's cycles and local knowledge, and giving them the opportunity to continue the process independently.

Na página ao lado: Maibe Marocco e Maria Fernanda Paes de Barros
Opposite page: Maibe Marocco and Maria Fernanda Paes de Barros

locais e dando-lhes a oportunidade de continuar o processo de forma autônoma.

Nas próximas páginas, convidamos você a mergulhar nesse processo e conhecer alguns dos caminhos que deram origem a essas cores.

In the following pages, we invite you to delve into this process and learn about some of the paths that gave rise to these colors.

Na página ao lado: meadas tingidas com as cores da floresta

Opposite page: skeins dyed with the colors of the forest





PROCESSOS COMPARTILHADOS:
OFICINA, autonomia e CRIAÇÃO

*SHARED PROCESSES:
WORKSHOP, autonomy and CREATION*

Na página ao lado: oficina ministrada por Maibe Marocco na aldeia Kaupūna
Opposite page: workshop taught by Maibe Marocco in Kaupūna village





No primeiro dia das oficinas de tingimento, partimos do que lhes parecia mais familiar: o urucum. Mesmo ele nos revelou mistérios. Aprendemos com os artesãos que existem dois tipos, conhecidos na língua Aruak como **Epitsiri** e **Yuku**.

O Epitsiri, de coloração mais clara, é usado pelas mulheres, com propriedades de proteção solar e ação repelente. Já o Yuku, mais escuro e intenso, é utilizado pelos homens em rituais, marcado por sua força simbólica. Essa distinção não é visual, mas cultural, tanto que eles mesmos já plantaram um acreditando ser o outro. Isso prova que, no Xingu, as cores também contam histórias.

O processo de tingimento natural começa com a extração das matérias-primas – majoritariamente cascas de árvores, – coletadas diretamente na floresta, no entorno da aldeia. Os fios de algodão são previamente preparados e limpos para permitir uma melhor fixação dos pigmentos. Em seguida, os elementos vegetais são cozidos por várias horas até liberarem suas cores em infusão. É nesse banho de cor que os fios são mergulhados e deixados por um tempo determinado, de acordo com o tom desejado.

*On the first day of the dyeing workshops, we started with what seemed most familiar to them: annatto. Even this revealed mysteries to us. We learned from the artisans that there are two types, known in the Aruak language as **Epitsiri** and **Yuku**.*

Epitsiri, lighter in color, is used by women, offering sun protection and repellent properties. Yuku, darker and more intense, is used by men in rituals, marked by its symbolic power. This distinction is not visual, but cultural, so much so that they themselves have already planted one believing it to be the other. This proves that, in the Xingu, colors also tell stories.

The natural dyeing process begins with the extraction of raw materials – mostly tree bark – collected directly from the forest surrounding the village. The cotton threads are pre-prepared and cleaned to allow for better pigment fixation. Then, the plant elements are boiled for several hours until they release their colors through an infusion. It is in this color bath that the threads are dipped and left for a predetermined time, depending on the desired shade.

The final color is defined by adding natural chemical reagents, which interact with plant pigments and transform the result. The same species can produce different

Na página ao lado: sementes de urucum
Opposite page: annatto seeds





Foto: Lucas Rosin

Na página ao lado: processo de tingimento natural; Nesta página: Yaritsu Waura e Maibe Marocco
 Opposite page: natural dyeing process; This page: Yaritsu Waura and Maibe Marocco

A definição da cor final acontece com a adição de reagentes químicos naturais, que interagem com os pigmentos vegetais e transformam seu resultado. Uma mesma espécie pode gerar diferentes tonalidades conforme o reagente utilizado, e é essa combinação entre matéria-prima e técnica que forma a paleta cromática. Esse mapeamento de possibilidades é parte central da metodologia desenvolvida por Maibe Marocco, que trouxe para o projeto não só sua experiência em extração e manipulação de corantes naturais, mas também a proposta de criar um processo educativo, acessível e que fosse replicável.

plant pigments and transform the result. The same species can produce different hues depending on the reagent used, and it is this combination of raw material and technique that forms the color palette. This mapping of possibilities is a central part of the methodology developed by Maibe Marocco, who brought to the project not only her experience in extracting and manipulating natural dyes, but also the goal of creating an educational, accessible, and replicable process.



Foto: Lucas Rosin

Na página ao lado: Wayuni Mehinako, Takulalu, Kulikyda Mehinako, Ujaupinho Aweti, Tsapuyuya Katrina Aweti, e Makuai Mehinako durante as oficinas; Nesta página: Kuyawiru e Kawiru Mehinako

Opposite page: Wayuni Mehinako, Takulalu, Kulikyda Mehinako, Ujaupinho Aweti, Tsapuyuya Katrina Aweti, and Makuai Mehinako during the workshop; This page: Kuyawiru and Kawiru Mehinako



“A gente costumava ir até a cidade comprar fios coloridos nas lojas para deixar nossos rituais mais bonitos. Mas agora percebemos que as cores que estávamos procurando sempre estiveram aqui, na floresta. Estão nas cascas das nossas árvores. A beleza que a gente queria trazer de fora já existia no nosso próprio território.”

— Yahati Mehinaku

“We used to go to the city to buy colored threads from the stores to make our rituals more beautiful. But now we realize that the colors we were looking for were always here, in the forest. They’re in the bark of our trees. The beauty we wanted to bring from abroad already existed in our own territory.”

– Yahati Mehinaku



Foto: Lucas Rosin

Na página ao lado: Wayuni Mehinako; Nesta página: Maria Fernanda Paes de Barros e Makuai Mehinako
Opposite page: Wayuni Mehinako; This page: Maria Fernanda Paes de Barros and Makuai Mehinako





Paleta da Floresta

Data: Abril de 2025

Técnica: Tingimento a partir de cascas de árvores, cipós e sementes

Pesquisa: Maibe Marocco - Mattricaria

Processo: Fios de algodão preparados (cozidos) com bicarbonato de sódio e detergente neutro em água fervente, retirados e colocados para secar para posteriormente serem mergulhados em água fervendo com a casca da árvore (ou semente) já deixada em cozimento por algumas horas. Ao final é adicionado o reagente (mordente) com colher de pau.

Cores:

1. Weruya (amarelo)

Fio de algodão + Kêpietü
2. Weruya mutü (amarelo escuro)

Fio de algodão + Kipietê
3. Ipiyula (verde)

Fio de algodão + Ipê Apó
4. Weruyapiya (vermelho claro)

Fio de algodão + Urucum (mulheres)
5. Weruyamûhuxa (vermelho escuro)

Fio de algodão + Urucum (homens)
6. Xayahalu (amarelo, dourado, bronze)

Fio de algodão + Talatalacumã
7. Mutüwaxü (rosa escuro)

Fio de algodão + Umê Guaruye
8. Uluxâinitsaipe (rosa ovo de macuco)

Fio de algodão + Atakumã
9. Mutü (rosa claro)

Fio de algodão + Palo
10. Mutupiya (rosa)

Fio de algodão + Umê
11. Mutüyalahi (preto escuro)

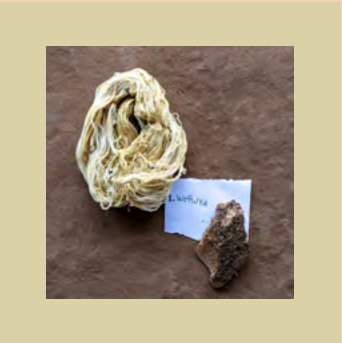
Fio de algodão + Jatobá + Palo
12. Ipiyulapiya (verde claro)

Fio de algodão + Kahalepe

Na página anterior e na ao lado: Composições de amostras fios de algodão tingido e cascas de árvores colhidas na floresta

Previous page and oppoiste page: Compositions of samples of dyed cotton yarn and tree bark collected in the forest

1. weruya



2. weruya mutü



3. IPIYULA



4. weruyapiya



5. weruyamûhuxa



6. xayahalu



7. mutüwaxü



8. uluxâinitsaipê



9. mutü



11. mutupiya



8. mutüyalahi



5. IPIYULAPIYA





FOREST palette

Date: April 2025

Technique: Dyeing from tree bark, vines and seeds

Research: Maibe Marocco - Mattricaria

Process: Cotton threads prepared (cooked) with baking soda and mild detergent in boiling water, removed and left to dry, then immersed in boiling water with the tree bark (or vine, or seed) already left to cook for a few hours. Finally, the reagent (mordant) is added with a wooden spoon.

Colours:

- | | | |
|-----|-----------------------------------|---------------------------------|
| 1. | Weruya (yellow)_____ | Cotton threads + Kêpietü |
| 2. | Weruya mutü (dark yellow)____ | Cotton threads + Kipietê |
| 3. | Ipiyula (green)_____ | Cotton threads + Ipê Apó |
| 4. | Weruyapiya (light red)_____ | Cotton threads + Urucum (men) |
| 5. | Weruyamühuxa (dark red)____ | Cotton threads + Urucum (women) |
| 6. | Xayahalu (yellow, gold, bronze)_ | Cotton threads + Talatalacumã |
| 7. | Mutüwaxu (dark pink)_____ | Cotton threads + Umê Guaruye |
| 8. | Uluxäinitsaipê (pink - bird egg)_ | Cotton threads + Atakumã |
| 9. | Mutu (light pink)_____ | Cotton threads + Palo |
| 10. | Mutupiya (pink)_____ | Cotton threads + Umê |
| 11. | Mutüyalahi (dark black)_____ | Cotton threads + Jatobá + Palo |
| 12. | Ipiyulapiya (light green)_____ | Cotton threads + Kahalepe |

Na página ao lado: Composições de amostras fios de algodão tingido e cascas de árvores colhidas na floresta
Oppoiste page: Compositions of samples of dyed cotton yarn and tree bark collected in the forest



OBRAS e HISTÓRIAS:
PEÇAS, PROCESSOS e PESSOAS

*WORKS AND STORIES:
PIECES, PROCESSES AND PEOPLE*

Na página ao lado: Meadas em processo de tingimento
Opposite page: Skeins in the dyeing process





Na Metodologia Yankatu, uma obra não começa com um desenho pronto, mas com uma relação. Criar, aqui, é antes de tudo estabelecer um vínculo verdadeiro com artesãos e artesãs, reconhecendo o valor de suas histórias, trajetórias e visões de mundo. O processo nasce do encontro, da escuta do que o outro tem a dizer, da troca de experiências e da valorização das subjetividades. Não se trata de aplicar uma técnica sobre uma cultura, mas de construir juntos algo novo, sem apagar o que veio antes.

Antes de qualquer croqui, há convivência. A designer Maria Fernanda parte da observação para capturar detalhes que só o cotidiano revela: a construção de uma oca, o ritmo de um grafismo ancestral, o desenho de uma máscara tradicional. Essas inspirações vão para o papel em forma de anotações livres, esboços, imagens, palavras soltas, frases e poemas. Nada é fechado. As ideias ganham consistência à medida que são compartilhadas com os artesãos envolvidos – como Kulikyrda, que assina a curadoria do projeto ao lado da designer – e a criação se transforma em um processo colaborativo, onde cada parte influencia o todo.

In the Yankatu Methodology, a work doesn't begin with a finished drawing, but with a relationship. Creating here means, above all, establishing a true bond with artisans, recognizing the value of their stories, trajectories, and worldviews. The process arises from encounters, from listening to what others have to say, from exchanging experiences, from valuing subjectivities. It's not about applying a technique to a culture, but about building something new together, without erasing what came before.

Before any sketch, there's a shared experience. Designer Maria Fernanda begins with observation to capture details that only everyday life reveals: the construction of a hut, the rhythm of an ancient graphic, the design of a traditional mask. These inspirations are put to paper in the form of freehand notes, sketches, images, individual words, phrases, and poems. But nothing is set in stone. Ideas gain consistency as they are shared with the artisans involved – like Kulikyrda, who curates the project alongside the designer – and creation becomes a collaborative process, where each part influences the whole.

Na página ao lado: Kulikyrda Mahinaku, Maria Fernanda Paes de Barros e Maibe Marocco conversando sobre o projeto com os integrantes da aldeia Kaupūna

Opposite page: Kulikyrda Mahinaku, Maria Fernanda Paes de Barros and Maibe Marocco talking about the project with members of the Kaupūna village





Foto: Lucas Rosin



Na Yankatu, criar se torna caminho que atravessa referências, histórias, saberes e afetos para gerar algo que seja ao mesmo tempo novo e respeitosamente enraizado. É justamente isso que não simplifica nem apaga, que transforma objetos em narrativas e coleções em territórios compartilhados.

At Yankatu, creating becomes a path that traverses references, histories, knowledge, and affections to generate something that is both new and respectfully rooted. And it is precisely this that neither simplifies nor erases, that transforms objects into narratives, and collections into shared territories.

“Quando ela traz uma ideia, a gente conversa e desenha junto. Às vezes eu digo: esse traço aqui é do nosso ritual, ou isso aqui não dá pra gente fazer não. E aí pensamos juntos como pode virar uma peça.”

— Kulikyrdá Mehinaku

“We used to go to the city to buy colored threads from the stores to make our rituals more beautiful. But now we realize that the colors we were looking for were always here, in the forest. They’re in the bark of our trees. The beauty we wanted to bring from abroad already existed in our own territory.”

– Kulikyrdá Mehinaku

Na página anterior, à esquerda: Maria Fernanda Paes de Barros; Na página anterior, à direita: processo de criação. Na página ao lado: Kulikyrdá Mahinaku e Maria Fernanda Paes de Barros,

Previous page, left: Maria Fernanda Paes de Barros; Previous page, right: creative process. Opposite page: Kulikyrdá Mahinaku and Maria Fernanda Paes de Barros,



REFLEXOS INDÍGENAS
NO DESIGN CONTEMPORÂNEO

*INDIGENOUS REFLECTIONS
IN CONTEMPORARY DESIGN*

Na página ao lado: detalhe Balanço Kaupūna

Opposite page: Kaupūna Balance swing





Mais do que apresentar objetos, nossa proposta é uma travessia, um processo de aproximação entre o fazer tradicional indígena e o pensamento criativo no design contemporâneo, construído com base na colaboração, admiração e respeito.

As obras apresentadas resultam desse encontro, iniciado em 2019, que se transformou em uma relação contínua, marcada por trocas verdadeiras, aprendizados profundos e vínculos que se fortalecem a cada passo. Para além dos bancos zoomorfos esculpidos pelos homens, que já cruzaram fronteiras, estendemos nosso olhar para o fazer feminino, reconhecendo o buriti como elo, linguagem e herança viva.

As peças tradicionais ganham novas cores com fios de algodão tingidos pela floresta, um saber a mais nas expressões artesanais do povo Mehinaku. A soma também ocorre pelo diálogo, que possibilita criar junto, num vai e vem de ideias até que a forma faça sentido e leve adiante a mensagem de união. Como em toda via de mão dupla, o design reflete o aprendizado que resulta dessa relação entre culturas, território, memória e espiritualidade.

Nas próximas páginas apresentamos as obras estruturadas em dois núcleos: tradicional e contemporâneo.

More than presenting objects, our proposal is a journey, a process of bringing together traditional indigenous practices and creative thinking in contemporary design, built on collaboration, admiration, and respect.

The works presented are the result of this encounter, which began in 2019 and has become an ongoing relationship, marked by genuine exchanges, profound learning, and bonds that grow stronger with each new step. Beyond the zoomorphic benches carved by men, which have already crossed borders, we extend our gaze to women's work, recognizing the buriti palm as a link, a language, and a living heritage.

The traditional pieces gain new colors with cotton threads dyed by the forest, an additional layer of knowledge in the artisanal expressions of the Mehinaku people. The sum also occurs through dialogue, which allows for collaborative creation, a back-and-forth of ideas until the form makes sense and carries forward the message of unity. And as in every two-way street, the design also reflects the learning that results from this relationship between cultures, territory, memory, and spirituality.

In the following pages we present the works structured into two groups: traditional and contemporary.

Na página ao lado: Kayankau Mehinako e Maria Fernanda Paes de Barros
Opposite page: Kayanaku Mehinako and Maria Fernanda Paes de Barros



núcleo tradicional **TRADITIONAL CORE**

REDE

Tecidas com fios de buriti e algodão coletado e fiado na própria aldeia, as redes tradicionais eram usadas pelo povo Mehinaku tanto para dormir quanto para descanso durante o dia. Após o contato com os não indígenas, as tramas retas deram lugar a grafismos elaborados, e os fios de algodão orgânico foram substituídos por fios coloridos adquiridos nas cidades. Os novos desenhos e cores atraíram olhares, facilitando a venda e a geração de renda para a comunidade. Ao conhecerem as redes de tecidos mais fechados e vibrantes, os Mehinaku foram trocando, aos poucos, as redes de buriti que preenchiam o interior das ocas. Hoje, as redes tradicionais são feitas apenas para comercialização.

Por trás de cada rede está um árduo trabalho. As mulheres adentram o rio para coletar o buriti. De volta à aldeia, o material é preparado e colocado para secar. Depois, fibras finas são torcidas sobre as coxas até formar um fio longo e grosso. Apoiado em estacas de madeira, esse fio é esticado em linhas horizontais, enquanto mãos habilidosas inserem fios de algodão em tramas verticais até cobrir toda a extensão. Só então o tecido é retirado e os punhos, que dão sustentação ao peso dos corpos que um dia se deitarão ali, são feitos.

Woven with buriti palm threads and cotton collected and spun in the village itself, traditional hammocks were used by the Mehinaku people both for sleeping and for resting during the day. After contact with non-Indigenous people, the straight weaves gave way to elaborate graphics, and the organic cotton threads were replaced by colored threads acquired in the cities. The new designs and colors attracted attention, facilitating sales and generating income for the community. Upon discovering the more tightly woven and vibrant hammocks, the Mehinaku gradually replaced the buriti palm hammocks that filled the interior of their huts. Today, traditional hammocks are made only for sale.

Behind every hammock lies hard work. Women wade into the river to collect buriti palms. Back in the village, the material is prepared and laid out to dry. Then, fine fibers are twisted over the thighs to form a long, thick thread. Supported by wooden stakes, this thread is stretched horizontally, while skilled hands insert cotton threads in vertical weaves until the entire length is covered. Only then is the fabric removed and the cuffs, which support the weight of the bodies that will one day lie there, are made.

Na página ao lado: processo de confecção de uma rede

Opposite page: process of making a hammock



 REDE TRADICIONAL

titulo | ano: Rede | 2025
artista: Wayuni Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Fios de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 365 C x 150 L (cm)

title | year: Hammock | 2025
artist: Wayuni Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti yarn + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 365 W x 150 D (cm)

esteira

Tecidas pelas mulheres, as esteiras têm diferentes funções. Para o uso cotidiano, são feitas com linhas retas e usadas principalmente na colheita de polvilho. As decoradas com grafismos servem para colocar a tapioca nos rituais, recebendo o beiju que, levado para a casa dos homens no centro da aldeia, alimenta a todos. As esteiras mais coloridas e com muitos desenhos são produzidas para venda, com o intuito de encantar os clientes. Há ainda as esteiras trançadas com barbante de maneira bem fechada, que impedem a visão dos talos de buriti que as estruturam. Essas são exclusivas para os pajés, que as utilizam para colocar cigarros e materiais usados no tratamento dos pacientes.

A confecção das esteiras exige bastante tempo. Os talos de buriti são separados por tamanho e entrelaçados em ziguezague para equilibrar a estrutura – mais grossa na base e mais estreita na ponta. O primeiro passo é firmar os buritis, passando o fio de algodão pelo centro do conjunto. Depois, o trançado é feito com movimentos de sobe e desce dos talos, que permitem a passagem dos fios de algodão, criando desenhos variados conforme o uso pretendido.

Woven by women, the mats have different functions. For everyday use, they are made with straight lines and used mainly for harvesting cassava starch. Those decorated with graphics are used to place tapioca in rituals, receiving the beiju (made with cassava), which, taken to the men's house in the center of the village, feeds everyone. The more colorful mats with many designs are produced for sale, with the aim of delighting customers. There are also mats tightly woven with twine, which obscures the view of the buriti palm stems that form them. These are exclusively for shamans, who use them to hold cigarettes and materials used during patient treatments.

Weaving the mats takes a lot of time. The buriti stems are separated by size and intertwined in a zigzag pattern to balance the structure – thicker at the base and narrower at the tip. The first step is to secure the buriti by passing cotton thread through the center of the mat. Then, the mat is braided by moving up and down the stems, allowing the threads to pass through, creating varied designs depending on the intended use.

Na página ao lado: Yaritsu Waura tecendo uma esteira
Opposite page: Yaritsu Waura weaving a mat



 esteira tracajá



Foto: Yatsima Mehinako

titulo | ano: Esteira | 2025
artista: Wayuni Lili Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 90 L x 200 A (cm)

title | year: Mat | 2025
artist: Wayuni Lili Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 90 D x 200 H (cm)

 esteira jacaré



Foto: Yatsima Mehinako

título | ano: Esteira | 2025
artista: Pakuiura Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 100 L x 197 C (cm)

title | year: Mat | 2025
artist: Pakuiura Mehinako

technique: TBraiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 100 D x 197 H (cm)

 esteira GRAFISMOS

título | ano: Esteira | 2025
artista: Kayanaku Aweti

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 96 L x 194 A (cm)

title | year: Mat | 2025
artist: Kayanaku Aweti

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 96 D x 194 H (cm)

Foto: Yatsima Mehinako





esteira jacaré e peixe



Foto: Yatsima Mehinako

título | ano: Esteira | 2025
artista: Yamanipalu Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 92 L x 196 A (cm)

title | year: Mat | 2025
artist: Yamanipalu Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 92 D x 196 H (cm)

 esteira PEIXE



Foto: Yatsima Mehinako

título | ano: Esteira | 2025
artista: Paipualo Vera Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 87 L x 204 A (cm)

title | year: Mat | 2025
artist: Paipualo Vera Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 87 D x 204 H (cm)



esteira jacaré de perfil



Foto: Yatsima Mehinako

título | ano: Esteira | 2025
artista: Kamaiulalu Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 86 L x 210 A (cm)

title | year: Mat | 2025
artist: Kamaiulalu Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 86 D x 210 H (cm)



titulo | ano: Esteira | 2025
artista: Yaritsu Waura

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 91 L x 205 A (cm)

title | year: Mat | 2025
artist: Yaritsu Waura

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 91 D x 205 H (cm)

RODA vento

Roda vento, em Aruak, é “tüpu tüpu” e significa redemoinho.

Para o povo Mehinaku o redemoinho traz consigo o espírito do vento, Xapukuyawa. Tecido pelas mulheres com talos de buriti e fios de algodão, o roda vento simboliza a conexão do povo Mehinaku com a natureza e a espiritualidade. Ele costuma ser colocado dentro das casas para afastar a inveja e o mau olhado e trazer para o ambiente a energia da proteção.

Para sua confecção muitas vezes são aproveitados os restos dos talos de buriti que sobram da confecção de esteiras e cestos. Tecidos seguindo a mesma lógica das esteiras, precisam ter o eixo central bem definido e medidas corretas para que seu movimento seja harmônico quando estendidos. Pequenos desenhos podem ser inseridos de tempos em tempos para dar mais graça e leveza à peça.

The word “roda vento” in Arawak is “tüpu tüpu” and means whirlwind.

For the Mehinaku people, the whirlwind symbolizes the spirit of the wind, Xapukuyawa. Woven by women with buriti palm stems and cotton thread, the roda vento symbolizes the Mehinaku people’s connection with nature and spirituality. It is often placed inside homes to ward off envy and the evil eye and bring protective energy into the space.

Buriti stems, leftover from the making of mats and baskets, are often used to make these pieces. Woven using the same logic as mats, they need a well-defined central axis and a symmetrical measurements so that they move harmoniously when stretched. Small designs can be added from time to time to add grace and lightness to the piece.

Na página ao lado: Detalhe de roda vento

Opposite page: Wind wheel detail



Foto: Yatsima Mehinako



RODA vento



Foto: Yatsima Mehinako

título | ano: Roda Vento | 2025
artista: Takulalu Amayla Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 50 C x 50 L x 213 A (cm)

title | year: Wind Wheel | 2025
artist: Takulalu Amayla Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 50 W x 50 D x 213 H (cm)

 RODA vento



Foto: Yatsima Mehinako

título | ano: Roda Vento | 2025
artista: Kawiru Diana Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 50 C x 50 L x 200 A (cm)

title | year: Wind Wheel | 2025
artist: Kawiru Diana Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 50 W x 50 D x 200 H (cm)

 RODA vento

titulo | ano: Roda Vento | 2025
artista: Kawiru Diana Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 54 C x 54 L x 210 A (cm)

title | year: Wind Wheel | 2025
artist: Kawiru Diana Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 54 W x 54 D x 210 H (cm)

cestaria kuyũ

A cestaria é uma tradição milenar dos povos do Alto Xingu, tecida pelas mulheres. Utilizadas na pescaria, suas estruturas são especialmente desenhadas para capturar os peixes quando o pescador bate “timbó” na lagoa. Timbó, conhecido pelos Mehinaku como uma espécie de cipó, é uma planta da família das leguminosas que produz um líquido capaz de atordoar os peixes, fazendo com que, após cerca de meia hora, eles venham à superfície da água. É nesse momento que mulheres e crianças aproveitam para coletá-los com as cestas que, por apresentarem discretos vãos, aprisionam os peixes e permitem que a água escorra.

Feitas com talos de buriti e fios de algodão, elas também são usadas para guardar alimentos dentro da oca. As mulheres amarram uma cordinha de buriti em suas extremidades e as penduram, de forma que possam ser suspensas no alto, onde então são colocados o beiju, pedaços de peixe, sal ou outros alimentos.

Ao perceberem que os não indígenas se interessavam em utilizá-las para colocar frutas ou como parte da decoração, passaram a confeccioná-las também para comercialização.

Basketry is an ancient tradition of the Upper Xingu peoples, woven by women. Used for fishing, its structures are specially designed to catch fish when the fisherman strikes “timbó” in the lagoon. Timbó, known by the Mehinaku as a type of vine, is a plant in the legume family that produces a liquid capable of stunning fish, causing them to come to the surface of the water after about half an hour.. It is at this moment that women and children take advantage of the opportunity to collect them in baskets that, due to their subtle openings, trap the fish while allowing the water to drain away.

Made from buriti palm stems and cotton thread, these baskets are also used to store food inside the hut. Women tie a buriti cord to the ends and hang them, so they can be suspended high above, where they can then be filled with beiju, pieces of fish, salt, or other food.

When they realized that non-indigenous people were interested in using them to hold fruit or as part of decoration, they began to make them for sale as well.

Na página ao lado: cestos kuyũ

Opposite page: kuyũ baskets



 cesta kuyũ

Foto: Yatsima Mehinako

título | ano: Cesta Kuyũ | 2025
artista: Makuai Daiane Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 53 x 23 x 50 (cm)

title | year: Kuyũ Basket | 2025
artist: Makuai Daiane Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 53 x 23 x 50 (cm)

 cesta kuyũ



Foto: Yatsima Mehinako

título | ano: Cesta Kuyũ | 2025

artista: Paipualu Vera Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 52 x 24 x 50 (cm)

title | year: Kuyũ Basket | 2025

artist: Paipualu Vera Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 52 x 24 x 50 H(cm)

 cesta kuyũ



Foto: Yatsima Mehinako

título | ano: Cesta Kuyũ | 2025
artista: Paipualu Vera Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 51 x 25 x 49 (cm)

title | year: Kuyũ Basket | 2025
artist: Paipualu Vera Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 51 x 25 x 49 (cm)

 cesta kuyũ



título | ano: Cesta Kuyũ | 2025
artista: Yaritsu Waura

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 56 x 25 x 52 (cm)



Foto: Yatsima Mehinako

title | year: Kuyũ Basket | 2025
artist: Yaritsu Waura

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 56 x 25 x 52 (cm)

 cesta kuyũ

titulo | ano: Cesta Kuyũ | 2025
artista: Maithiakalu Paloma Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 52 x 26 x 50 cm

title | year: Kuyũ Basket | 2025
artist: Maithiakalu Paloma Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 52 x 26 x 50 cm

 cesta kuyũ



Foto: Yatsima Mehinako

titulo | ano: Cesta Kuyũ | 2025

artista: Kayanaku Aweti

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 57 x 24 x 52 cm

title | year: Kuyũ Basket | 2025

artist: Kayanaku Aweti

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 57 x 24 x 52 cm

 cesta kuyũ

Foto: Yatsima Mehinako

titulo | ano: Cesta Kuyũ | 2025
artista: Tsukuyut Raisa Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 60 x 24 x 56 cm

title | year: Kuyũ Basket | 2025
artist: Tsukuyut Raisa Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 60 x 24 x 56 cm

 cesta kuyũ



Foto: Yatsima Mehinako

título | ano: Cesta Kuyũ | 2025
artista: Ufeku Samira Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 58 x 24 x 48 cm

title | year: Kuyũ Basket | 2025
artist: Ufeku Samira Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 58 x 24 x 48 cm

 cesta kuyũ



Foto: Yatsima Mehinako

titulo | ano: Cesta Kuyũ | 2025
artista: Ufeku Samira Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 45 x 16 x 41 cm

title | year: Kuyũ Basket | 2025
artist: Ufeku Samira Mehinako

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 45 x 16 x 41 cm

 cesta kuyũ

Foto: Yatsima Mehinako

titulo | ano: Cesta Kuyũ | 2025**artista:** Iepelu Mehinako**técnica:** Trançado e tingimento natural**material:** Talos de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia**dimensões:** 55 x 22 x 52 cm**title | year:** Kuyũ Basket | 2025**artist:** Iepelu Mehinako**technique:** Braiding and natural dyeing**material:** Buriti stalks + cotton yarn naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village**dimensions:** 55 x 22 x 52 cm

máscara ariranha

A confecção da Máscara da Ariranha é um saber ancestral guardado pelos homens do povo Mehinaku. Existem dois tipos, um esculpido em madeira e outro tecido em barbante sobre uma estrutura de cipó, sendo que ambos recebem uma saia feita com palha de buriti.

De forte valor simbólico e espiritual, ela é feita por indicação dos pajés, quando ao fumar seus cigarros durante o processo de cura da pessoa enferma ele tem a visão da ariranha. A família do doente providencia o ritual de ariranha, uma cerimônia realizada para que o espírito da ariranha se retire, volte para a natureza e o paciente melhore, o que normalmente acontece cerca de três dias depois.

Após cerca de três ou quatro meses, a pessoa já bem recuperada, realiza novamente um ritual, desta vez como forma de agradecimento pela cura. Para isso ela sai em pescaria providenciando alimento para toda a aldeia, todos se pintam e se enfeitam, há cantos e danças para festejarem e compartilharem a alegria.

The making of the Giant Otter Mask is an ancestral tradition held by the men of the Mehinaku people. There are two types: one carved from wood and the other woven with string over a vine frame, both are adorned with a skirt made from buriti palm straw.

With strong symbolic and spiritual value, it is made at the behest of shamans, who, when smoking their cigarettes during the healing process of a sick person, experience a vision of the giant otter. The patient's family arranges the giant otter ritual, a ceremony for the spirit of the giant otter to withdraw, return to nature, and the patient to recover, which usually occurs about three days later.

After about three or four months, the recovered person performs the ritual again, this time as a way of giving thanks for the cure. To do so, they go fishing to provide food for the entire village.; everyone paints and adorns themselves, and there are songs and dances to celebrate and share the joy.

Na página ao lado: casal de máscaras de ariranha

Opposite page: couple of giant otter masks





MÁSCARA DA ARIRANHA G

Foto: Maria Fernanda Paes de Barros



título | ano: Casal Máscara Ariranha G | 2025
artista: Kawakanamu Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Cipó + palha de buriti + fios de barbante tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 80 L x 174 A (cm)
 83 L x 174 A (cm)

title | year: Giant Otter Mask G | 2025
artist: Kawakanamu Mehinako

technique: Braided and naturally dyed

material: Vine + buriti straw + twine naturally dyed with bark, vines, and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 80 D x 174 H (cm)
 83 D x 174 H (cm)



máscara da ariranha m

Foto: Maria Fernanda Paes de Barros



titulo | ano: Casal Máscara Ariranha M | 2025
artista: Yahati Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Cipó + palha de buriti + fios de barbante tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 42L x 125 A (cm)
 41L x 126 A (cm)

title | year: Giant Otter Mask M | 2025
artist: YahatiMehinako

technique: Braided and naturally dyed

material: Vine + buriti straw + twine naturally dyed with bark, vines, and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 42 D x 125 H (cm)
 41 D x 126 H (cm)



MÁSCARA DA ARIRANHA P

Foto: Maria Fernanda Paes de Barros



titulo | ano: Máscara Ariranha P. | 2025
artista: Yahati Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Cipó + palha de buriti + fios de barbante tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 32 L x 109 A (cm)
 33,5 L x 116 A (cm)

title | year: Giant Otter Mask P | 2025
artist: Yahati Mehinako

technique: Braided and naturally dyed

material: Vine + buriti straw + twine naturally dyed with bark, vines, and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 32 D x 109 H (cm)
 33,5 D x 116 H (cm)

BEIJA-FLOR

Para o povo Mehinaku, o beija-flor, chamado “Ahira” no idioma Aruak, vem do pequi. Eles são os “donos” do pequi e se alimentam do néctar produzido pelas flores do pequizeiro. Durante a floração, é possível ver inúmeros beija-flores voando de flor em flor.

No final do ano, os frutos começam a amadurecer e ficam prontos para a preparação do mingau amarelo – uma mistura da polpa de pequi com mandioca, tradicional na alimentação Mehinaku. Nesse momento, aqueles que sabem cantar a música do beija-flor, da festa do pequi, podem iniciar a preparação do ritual, que dura entre quatro e cinco dias.

O cantor começa a cantar de madrugada e segue até o amanhecer. No dia seguinte, os donos da plantação de pequi, chamados “donos do ritual”, são responsáveis por alimentar todos os participantes da festa. O terceiro dia é dedicado à pescaria e, no quarto, os homens adentram o rio para buscar o material – um tipo de madeira branca e leve – e esculpir seu próprio beija-flor. No último dia, ao final da festa, cada um dança com seu passarinho e, depois, os leva para os pés de pequi, cantando até o dia se encerrar.

For the Mehinaku people, the hummingbird, called “Ahira” in Aruak language, comes from the pequi tree. They are the “owners” of the pequi tree and feed on the nectar produced by the pequi flowers. During flowering, countless hummingbirds can be seen flying from flower to flower.

At the end of the year, the fruits begin to ripen and are ready for the preparation of yellow porridge - a mixture of pequi pulp and cassava, a traditional Mehinaku diet. At this time, those who know how to sing the hummingbird song of the pequi festival can begin preparing for the ritual, which lasts four to five days.

The singer begins singing at dawn and continues until sun rises. The next day, the owners of the pequi plantation, called “ritual owners”, are responsible for feeding all the festival participants. The third day is dedicated to fishing, and on the fourth, the men wade into the river to collect the material – a white, lightweight wood – and carve their own hummingbird. On the last day, at the end of the festival, each man dances with his bird and then takes it to the pequi trees, singing until the end of the day.

Na página ao lado: Kawakanamu Mehinako
Opposite page: Kawakanamu Mehinako





Foto: Maria Fernanda Paes de Barros



título | ano: Beija-flor. | 2025
artista: Kawakanamu Mehinako

técnica: Escultura e pintura

material: Madeira, tintas e palha de buriti

dimensões: tamanhos variados

title | year: Máscara Ariranha Peq. | 2025
artist: Kawakanamu Mehinaku

technique: Sculpture and painting

material: Wood, paint, and buriti straw

dimensions: various sizes

NÚCLEO TRADICIONAL **TRADITIONAL CORE**

BANCO ZOOMORFO

Peças de rara precisão técnica e forte carga simbólica, os bancos zoomorfos são expressões culturais tradicionais do povo Mehinaku e de outros povos do Xingu. Esculpidos pelos homens em madeira maciça, esses bancos representam animais da fauna local e também indicam certa hierarquia – existe o banco do pajé, de formato retangular, e o banco do cacique, representado por um Urubu-Rei com duas cabeças. No uso diário, os bancos não costumam ter o acabamento refinado das peças atualmente colocadas à venda, que já atravessaram fronteiras, participando de exposições em países como México e Japão.

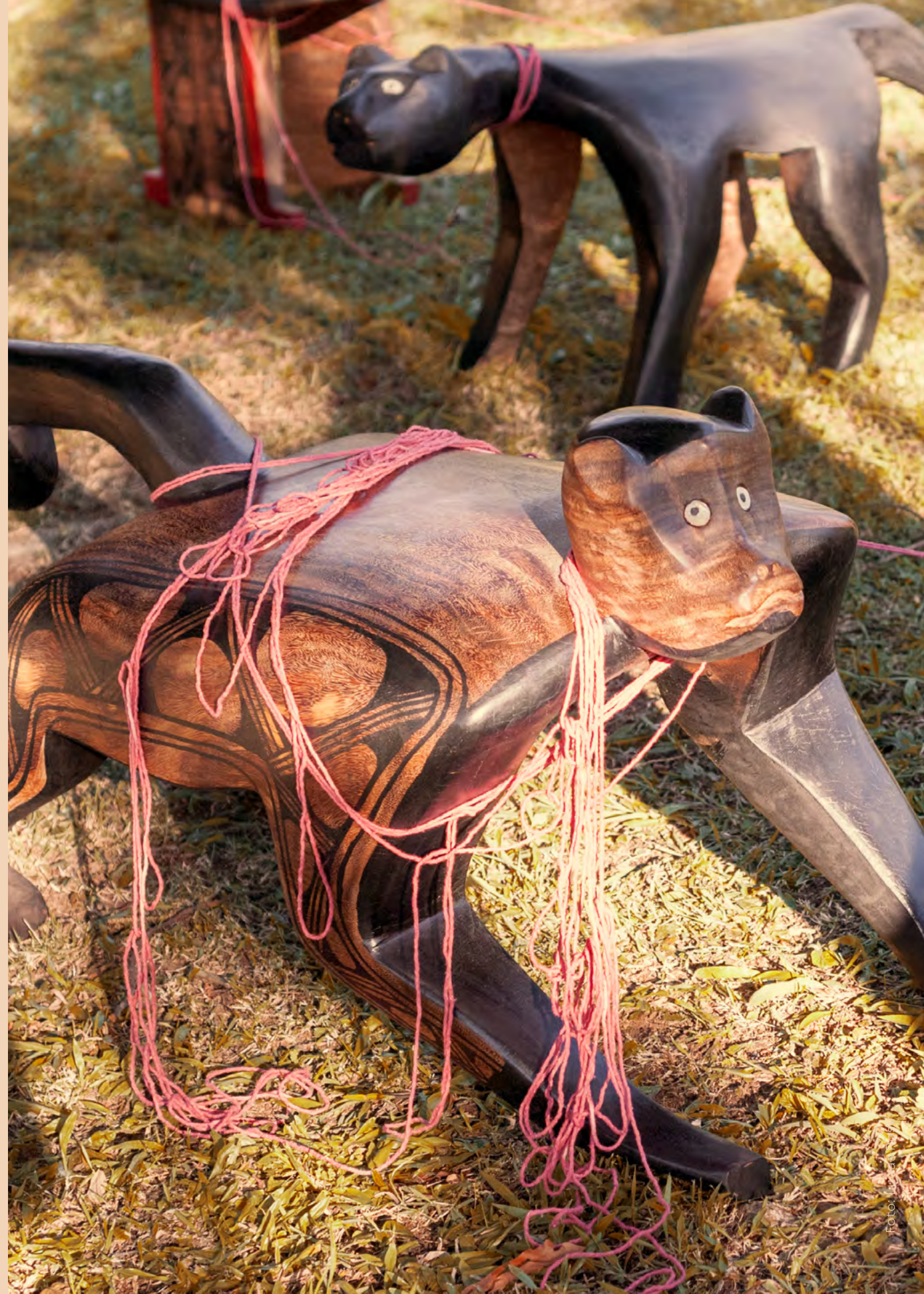
O processo começa com a busca da madeira na floresta, enfrentando calor, formigas e abelhas. Uma vez encontrada, a madeira é preparada ainda na floresta, retirando o excesso de peso e dando forma ao animal que está apenas na mente do artista. Depois, o tronco mais leve é carregado para a aldeia, onde se faz o acabamento com ferramentas como formão e lixadeira até atingir o formato desejado. A obra recebe então pintura feita com urucum, carvão e resina de ingá e, por fim, são colocados os olhos, feitos com conchas de caramujo.

Pieces of rare technical precision and powerful symbolic meaning, these zoomorphic benches are traditional cultural expressions of the Mehinaku people and other Xingu people. Carved by men from solid wood, these benches represent animals from the local fauna and also establish a certain hierarchy - there is the shaman's bench, rectangular in shape, and the chief's bench, represented by a two-headed King Vulture. In everyday use, these benches typically lack the refined finish of the pieces currently on sale, which have already crossed borders, participating in exhibitions in countries such as Mexico and Japan.

The process begins with the search for wood in the forest, braving heat, ants, and bees. Once found, the wood is prepared in the forest, removing excess weight and shaping the animal that is only in the artist's mind. The lighter trunk is then carried to the village, where it is finished with tools such as a chisel and sander until it reaches the desired shape. The work is then painted with annatto, charcoal, and ingá resin, and finally, the eyes, made from snail shells, are added.

Na página ao lado: bancos zoomorfos

Opposite page:: zoomorphic benches





BANCO ZOOMORFO tamanduá



título | ano: Banco Tamanduá G | 2025
artista: Kulikyda Mehinako

técnica: Escultura

material: Madeira piranheira maciça + tinta
feita com resina de ingá e carvão
+ caramujo

dimensões: 118 C x 40 L x 40 A (cm)

title | year: Zoomorphic Bench | 2025
artist: Kulikyda Mehinako

technique: Sculpture

material: Solid piranha wood + paint made
with inga resin and charcoal +
snail

dimensions: 118 W x 40 D x 40 H (cm)



BANCO ZOOMORFO tamanduá P



título | ano: Banco Tamanduá P | 2025
artista: Kulikyrda Mehinako

técnica: Escultura

material: Madeira piranheira maciça + tinta
feita com resina de ingá e carvão
+ caramujo

dimensões: 75 C x 14 L x 16 A (cm)

title | year: Zoomorphic Bench | 2025
artist: Kulikyrda Mehinako

technique: Sculpture

material: Solid piranha wood + paint made
with inga resin and charcoal +
snail

dimensions: 75 W x 14 D x 16 H (cm)



BANCO ZOOMORFO CAPIVARA



titulo | ano: Banco Capivara | 2025

artista: Kulikyrda Mehinako

técnica: Escultura

material: Madeira piranheira maciça + tinta
feita com resina de ingá e carvão
+ caramujo

dimensões: 130 C x 49 L x 53 A (cm)

title | year: Zoomorphic Bench | 2025

artist: Kulikyrda Mehinako

technique: Sculpture

material: Solid piranha wood + paint made
with inga resin and charcoal +
snail

dimensions: 130 W x 49 D x 53 H (cm)

 BANCO ZOOMORFO ONÇA



titulo | ano: Banco Onça | 2025
artista: Kulikyrda Mehinako

técnica: Escultura

material: Madeira piranheira maciça + tinta feita com resina de ingá e carvão + caramujo

dimensões: 190 C x 45 L x 45 A (cm)

title | year: Zoomorphic Bench | 2025
artist: Kulikyrda Mehinako

technique: Sculpture

material: Solid piranha wood + paint made with inga resin and charcoal + snail

dimensions: 190 W x 45 D x 45 H (cm)

 BANCO ZOOMORFO macaco

titulo | ano: Banco Macaco | 2025
artista: Tamayua Mehinako

técnica: Escultura

material: Madeira piranheira maciça + tinta
feita com resina de ingá e carvão
+ caramujo

dimensões: 64 C x 19 L x 23 A (cm)

title | year: Zoomorphic Bench | 2025
artist: Kulikyrda Mehinako

technique: Sculpture

material: Solid piranha wood + paint made
with inga resin and charcoal +
snail

dimensions: 64 W x 19 D x 23 H (cm)



BANCO ZOOMORFO TUCUM



titulo | ano: Banco Tucum | 2025
artista: Kawakanamu Mehinako

técnica: Escultura

material: Madeira piranheira maciça + tinta
feita com resina de ingá e carvão
+ caramujo

dimensões: 84 C x 38 L x 36 A (cm)

title | year: Zoomorphic Bench | 2025
artist: Kulikyrda Mehinako

technique: Sculpture

material: Solid piranha wood + paint made
with inga resin and charcoal +
snail

dimensions: 84 W x 38 D x 36 H (cm)



BANCO ZOOMORFO ONÇA PANTERA



titulo | ano: Banco Onça Pantera | 2025
artista: Kulikyrda Mehinako

técnica: Escultura

material: Madeira piranheira maciça + tinta
feita com resina de ingá e carvão
+ caramujo

dimensões: 86 C x 21 L x 27 A (cm)

title | year: Zoomorphic Bench | 2025
artist: Kulikyrda Mehinako

technique: Sculpture

material: Solid piranha wood + paint made
with inga resin and charcoal +
snail

dimensions: 118 W x 40 D x 40 H (cm)

 BANCO DO PAJÉ

titulo | ano: Banco do Pajé | 2025

artista: Kulikyrda Mehinako

técnica: Escultura

material: Madeira piranheira maciça + tinta feita com resina de ingá e carvão + caramujo

dimensões: 58 C x 40 L x 41 A (cm)

title | year: Zoomorphic Bench | 2025

artist: Kulikyrda Mehinako

technique: Sculpture

material: Solid piranha wood + paint made with inga resin and charcoal + snail

dimensions: 58 W x 40 D x 41 H (cm)

 núcleo contemporâneo
CONTEMPORARY CORE

Nas obras que compõem o Núcleo Contemporâneo, os encontros se transformam em criação. Aqui, o design não se sobrepõe – ele escuta, aprende, respeita e caminha ao lado. São obras em que o fazer tradicional do povo Mehinaku se soma à criatividade e à sensibilidade de Maria Fernanda, resultando em criações que não pertencem a um único tempo ou território, mas que reverberam múltiplas camadas de sentido.

Mais do que reinterpretar técnicas ou formas, o núcleo busca revelar relações entre primeiros e segundos povos, saberes, memórias e territórios. As obras são concebidas com o objetivo de abrir novos caminhos, para que a tradição continue a pulsar por meio de novos olhares e interpretações.

In the works that comprise the Contemporary Nucleus, encounters become creation. Here, design doesn't override – it listens, learns, respects, and walks alongside. These works combine the traditional practices of the Mehinaku people with Maria Fernanda's creativity and sensitivity, resulting in works that don't belong to a single time or territory, but rather resonate with multiple layers of meaning.

More than reinterpreting techniques or forms, the nucleus seeks to reveal relationships between First and Second Peoples, knowledge, memories, and territories. The works are conceived with the goal of opening new paths, so that tradition continues to pulse through new perspectives and interpretations.

Na página ao lado: obra Caminho
Opposite page:: work Caminho



 BANCO EMBIRA



Foto: Lucas Rosin

título | ano: Banco Embira | 2020
artista: Maria Fernanda Paes de Barros
técnica: Marcenaria e tingimento natural
material: Madeira cabreúva + fios de algodão tingidos com casca de embira

dimensões: 140 C x 75 L x 45 A (cm)

Descrição:
Impossível não se encantar com a estrutura da oca: a curvatura delicada da pindaíba, fina e longa; a solidez da madeira-canela, que penetra a terra para oferecer segurança; e a surpreendente casca de embira, que une todos os elementos sem a necessidade de pregos. A leveza, equilibrada pela força, impressiona. É a partir dessa leitura sensível que nasce o Banco Embira..

title | year: Embira Bench | 2020
artist: Maria Fernanda Paes de Barros
technique: Woodwork and natural dyeing
material: Cabreúva wood + cotton threads dyed with embira bark

dimensions: 140 W x 75 D x 45 H (cm)

Description:
It's impossible not to be enchanted by the oca's structure: the delicate curvature of the pindaíba, thin and long; the solidity of the cinnamon wood, which permeates the earth to provide security, and the surprising embira bark, which holds all the elements together without the need for nails. The lightness, balanced by strength, is impressive. It is from this sensitive interpretation that the Embira Bench was born.



Foto: Lucas Rosin



caminho: meu, seu, nosso

Foto: Lucas Rosin



título | ano: Caminho: meu, seu, nosso | 2021
artista: Maria Fernanda Paes de Barros

técnica: Marcenaria, trançado e tingimento natural

material: Madeira jequitibá rosa + fios de algodão tingidos com casca de embira, canela, pindaiba e copaiba

dimensões: 225 C x 40 L x 285 A (cm)

Descrição:
Um misto de aparador e escultura, esta obra nasceu da reflexão sobre os passos que me trouxeram até aqui – e os que ainda pretendo dar. Fala dos encontros vividos, dos caminhos de cada um e, por vezes, de todos nós. Os cilindros de madeira maciça fazem referência aos talos de buriti usados pelas mulheres da aldeia Kaupūna, que generosamente compartilharam comigo esse saber ancestral.

title | year: Path: Mine, Yours, Ours | 2021
artist: Maria Fernanda Paes de Barros

technique: Carpentry, braiding and atural dyeing

material: Pink jequitibá wood + cotton threads dyed with embira, cinnamon, pindaiba, and copaiba barks

dimensions: 225 W x 40 D x 285 H (cm)

Description:
A mix of sideboard and sculpture, this work was born from reflection on the steps that brought me here - and those I still intend to take. It speaks of encounters I've experienced, the paths of each person and sometimes of all of us. The solid wood cylinders reference the buriti palm stems used by the women of the Kaupūna village, who generously shared this ancestral knowledge with me.



Foto: Lucas Rosin

Foto: Lucas Rosin



título | ano: Caminho | 2022
artista: Maria Fernanda Paes de Barros + Kayanaku Mehinaku

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos + cilindros de madeira

dimensões: 102 C x 102 L x 200 A (cm)

Descrição:
Ao caminharmos, deixamos pegadas – ainda que invisíveis – que revelam nossa passagem: os lugares por onde andamos, as pessoas que conhecemos, as trocas que vivemos, os impactos que causamos. Nossos passos podem ser seguidos, servindo de inspiração para aqueles que virão depois, compartilhando caminhos, mesmo em outro tempo e espaço. A tapeçaria Caminho traduz essa conexão entre passado e presente, entre primeiros e segundos povos, com respeito e admiração. Ela costura meus passos aos do povo Mehinaku, na aldeia Kaupüna, no Alto Xingu.

title | year: Path | 2022
artist: Maria Fernanda Paes de Barros + Kayanaku Mehinaku

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti palm stems + dyed cotton threads + wooden cylinders

dimensions: 102 W x 102 D x 200 H (cm)

Description:
As we walk, we leave footprints - albeit invisible ones - that reveal our passage: the places we've walked, the people we've met, the exchanges we've experienced, the impacts we've made. Our steps can be followed, serving as inspiration for those who come after, sharing paths, even in another time and space. The Path tapestry conveys this connection between past and present, between First and Second peoples, with respect and admiration. It weaves my steps with those of the Mehinaku people, in the Kaupüna village of the Upper Xingu.

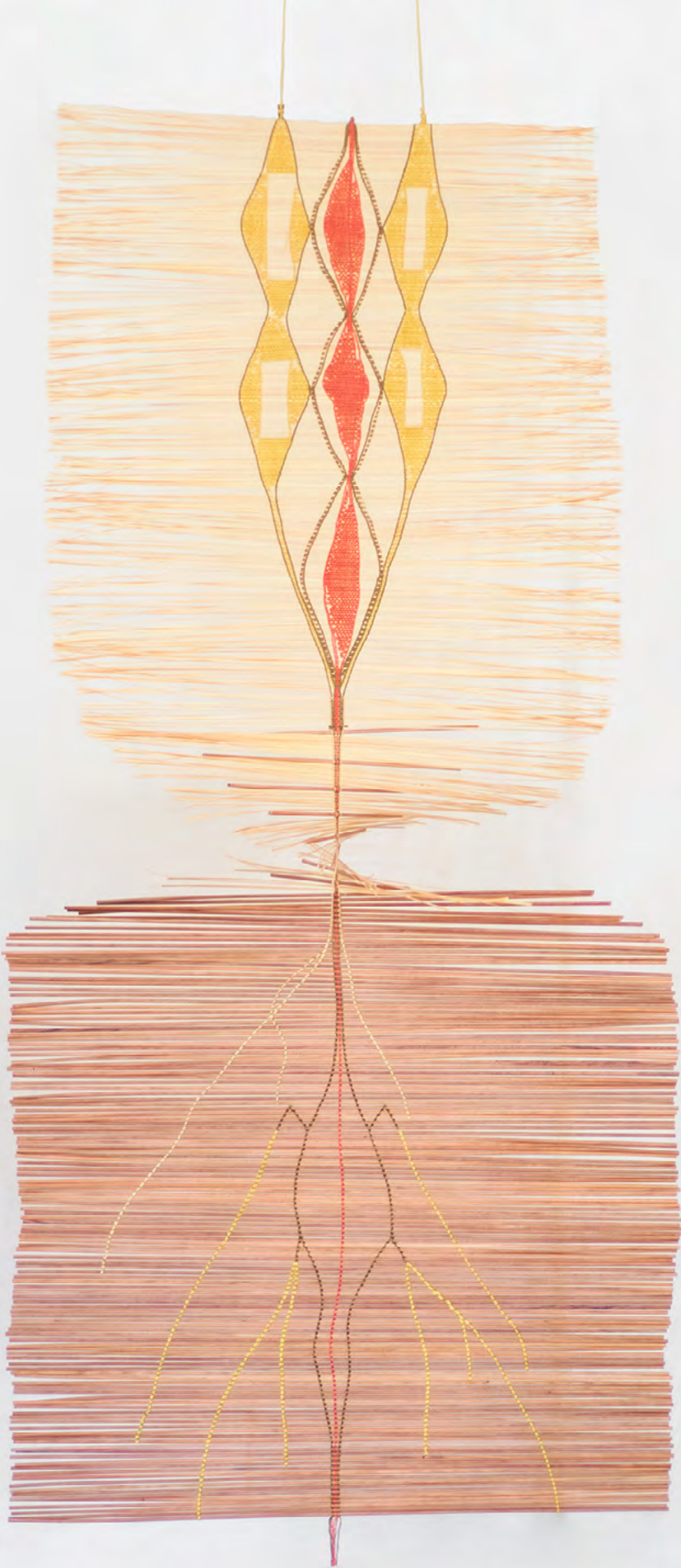


Foto: Lucas Rosin

Foto: Lucas Rosin



título | ano: Encontro | 2020/2025
artistas: Yaritsu Waura, Kayanaku Aweti, Kuyawalu Aweti, Pakuiura Mehinaku , Paipualu Mehinaku, Wayuni Mehinaku e Kuyawalu Mehinako + Maria Fernanda Paes de Barros + Neeltje Thomas

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + jequitibá rosa + fios de alodão tingidos

dimensões: 98 C x 1 L 220 A (cm)

Descrição:
Muitas mãos femininas se revezaram no tecer da esteira em 2020, quando a pandemia ergueu muros invisíveis e isolou nossas vidas. Cinco anos se passaram, as fronteiras se abriram novamente, mas as pessoas parecem cada vez mais desconectadas. A obra Encontro narra uma reaproximação possível – e urgente – entre mulheres, entre povos, entre culturas.

title | year: Encounter | 2020/2025
artists: Yaritsu Waura, Kayanaku Aweti, Kuyawalu Aweti, Pakuiura Mehinaku , Paipualu Mehinaku, Wayuni Mehinaku e Kuyawalu Mehinako + Maria Fernanda Paes de Barros + Neeltje Thomas

technique: Braiding and natural dye

material: Buriti stems + pink jequitibá + dyed alodão threads

dimensions: 98 W x 1 D 220 H (cm)

Description:
Many women’s hands took turns weaving this mat in 2020, when the pandemic erected invisible walls and isolated our lives. Five years have passed, borders have opened again, but people seem increasingly disconnected. The work “Encounter” narrates a possible - and urgent - reconnection between women, between peoples, between cultures.



Foto: Maria Fernanda paes de Barros

título | ano: Contínua | 2025
artista: Maria Fernanda Paes de Barros + Kawiru Diana Mehinako

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Talos de buriti + fios de algodão tingidos + cilindros de madeira

dimensões: 90 L x 220 A (cm)

Descrição:
Tendemos a acreditar que, para ser tradição, algo precisa permanecer imutável. No entanto, para continuar viva, a tradição precisa se renovar todos os dias. Nossa cultura está em constante transformação. A cada troca de conhecimento, a cada nova descoberta, algo muda, se soma ao que já existia e dá mais um passo em direção a um futuro em permanente evolução. É preciso seguir somando saberes, tecendo novas histórias e entrelaçando vidas.

title | year: *Contínua | 2022*
artist: *Maria Fernanda Paes de Barros + Kawiru Diana Mehinako*

technique: *Braiding and natural dye*

material: *Buriti stalks + dyed cotton threads + wooden cylinders*

dimensions: *90 W x 220 H (cm)*

Description:
We tend to believe that, to be a tradition, something must remain unchanged. However, to remain alive, tradition needs to be renewed every day. Our culture is constantly transforming. With each exchange of knowledge, with each new discovery, something changes, adds to what already existed, and takes another step toward a future in constant evolution. We must continue to unite knowledge, weave new stories, and intertwine lives.



Foto: Yatsima Mehinako

REUNIÃO

Foto: Lucas Rosin

título | ano: Reunião | 2025
artistas: Neeltje Thomas + Maria
Fernanda Paes de Barros

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Cilindros de madeira + fios de algodão tingidos

dimensões: 41 L X 226 A (cm)

Descrição:
É no encontro entre diferentes culturas que nasce a força do coletivo. É por meio desse encontro – sustentado pelo respeito e pela escuta ativa – que somamos saberes e mantemos vivas todas as identidades. Nesta peça, a designer holandesa Neeltje Thomas é guiada pela arte Mehinaku pelas mãos e pela sensibilidade de Maria Fernanda Paes de Barros, rompendo barreiras e fazendo desaparecer fronteiras.

title | year: Meeting | 2025
artists: Neeltje Thomas + Maria
Fernanda Paes de Barros

technique: Braiding and natural dyeing

material: Wooden cylinders + dyed cotton threads

dimensions: 41 W X 226 H (cm)

Description:
It is in the encounter between different cultures that the strength of the collective is born. It is through this encounter – sustained by respect and active listening – that we combine knowledge and keep all identities alive. In this piece, Dutch designer Neeltje Thomas is guided by Mehinaku art, through the hands and sensitivity of Maria Fernanda Paes de Barros, breaking down barriers and blurring boundaries.



Foto: Lucas Rosin

Foto: Yatsima Mehinako



título | ano: Tecido 1 | 2025

artista: Kayanaku Aweti

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Fios de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 125 L X 200 A (cm)

Descrição:
A ideia por trás deste tecido é manter viva a tradição do tecer das redes, ao mesmo tempo em que lhe damos novos sentidos e funções. Assim, ampliamos as possibilidades para que a arte das mulheres Mehinaku ganhe o mundo – vestindo corpos, habitando casas, transformada em roupas, painéis, quadros ou no que mais a imaginação puder sonhar.

title | year: Tecido | 2025

artist: Kayanaku Aweti

technique: TBraiding and natural dyeing

material: Buriti yarn + cotton threads naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 125 W X 200 H (cm)

Description:
The idea behind this fabric is to keep the tradition hammock weaving alive, while giving it new meanings and functions. Thus, we expand the possibilities for the art of Mehinaku women to reach the world = dressing bodies, inhabiting homes, transformed into clothing, panels, paintings, or whatever else our imagination can dream up.



Foto: Maria Fernanda paes de Barros

título | ano: Tecido 2 | 2025
artista: Kayanaku Aweti

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Fios de buriti + fios de algodão tingidos naturalmente com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 155 L X 210 A (cm)

Descrição:
A ideia por trás deste tecido é manter viva a tradição do tecer das redes, ao mesmo tempo em que lhe damos novos sentidos e funções. Assim, ampliamos as possibilidades para que a arte das mulheres Mehinaku ganhe o mundo – vestindo corpos, habitando casas, transformada em roupas, painéis, quadros ou no que mais a imaginação puder sonhar.

title | year: Tecido | 2025
artist: Kayanaku Aweti

technique: TBraiding and natural dyeing

material: Buriti yarn + cotton threads naturally dyed with bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 155 W X 210 H (cm)

Description:
The idea behind this fabric is to keep the tradition hammock weaving alive, while giving it new meanings and functions. Thus, we expand the possibilities for the art of Mehinaku women to reach the world = dressing bodies, inhabiting homes, transformed into clothing, panels, paintings, or whatever else our imagination can dream up.



Foto: Maria Fernanda paes de Barros

título | ano: Balanço Kaupūna | 2020
artista: Maria Fernanda Paes de Barros + Kulikyrda Mehinaku + Kuaywalu Aweti

técnica: Trançado, escultura, pintura e tingimento natural

material: Palha de buriti + fios de algodão tingidos + madeira piranheira + tinta feita com resina de ingá e carvão

dimensões: 50 C x 30 L x 200 A (cm)

Descrição:
Seu design nasce do desejo de destacar o fio de buriti, equilibrando-o com a força da madeira maciça pintada. Considerado por Kulikyrda um “novo produto indígena”, o balanço representa a primeira vez, na aldeia Kaupūna, em que os saberes de homens e mulheres se entrelaçam em uma única peça – o que lhe confere um valor simbólico e cultural imensurável.

title | year: Kaupūna Swing | 2020
artist: Maria Fernanda Paes de Barros + Kulikyrda Mehinaku + Kuaywalu Aweti

technique: Braiding, woodwork, painting and natural dyeing

material: Buriti straw + dyed cotton threads + piranha wood + paint made with ingá resin and charcoal

dimensions: 50 W x 30 D x 200 H (cm)

Description:
Its design stems from the desire to highlight the buriti fiber, balancing it with the strength of the painted solid wood. Considered by Kulikyrda a “new indigenous product,” the swing represents the first time in the Kaupūna village that the knowledge of men and women has been intertwined in a single piece - giving it immeasurable symbolic and cultural value.



Foto: Maria Fernanda Paes de Barros

título | ano: Balanço Kaupūna | 2020
artista: Maria Fernanda Paes de Barros + Kulikyrda Mehinaku + Kuaywalu Aweti

técnica: Trançado, escultura, pintura e tingimento natural

material: Palha de buriti + fios de algodão tingidos + madeira piranheira + tinta feita com resina de ingá e carvão

dimensões: 50 C x 30 L x 200 A (cm)

Descrição:
Seu design surge do desejo de destacar o fio de buriti, colocando-o em equilíbrio com a madeira maciça pintada. Considerado por Kulikyrda um “novo produto indígena”, o balanço marca a primeira vez na aldeia Kaupūna que homens e mulheres têm seus trabalhos unidos em uma única peça, o que lhe confere valor e significado imensuráveis.

title | year: Kaupūna Swing | 2020
artist: Maria Fernanda Paes de Barros + Kulikyrda Mehinaku + Kuaywalu Aweti

technique: Braiding, woodwork, painting and natural dyeing

material: Buriti straw + dyed cotton threads + piranha wood + paint made with ingá resin and charcoal

dimensions: 60 W x 40 D x 200 H (cm)

Description:
Its design stems from the desire to highlight the buriti fiber, balancing it with the painted solid wood. Considered by Kulikyrda a “new indigenous product,” the swing marks the first time in the Kaupūna village that men and women have combined their work into a single piece, giving it immeasurable value and meaning.



Foto: Maria Fernanda Paes de Barros

POLTRONA ARIRANHA

Foto: Maria Fernanda Paes de Barros



título | ano: Poltrona Ariranha | 2025
artista: Maria Fernanda Paes de Barros + Kawakanamu Mehinaku

técnica: Marcenaria e trançado

material: Madeira freijó maciça e fios de algodão tingidos com cascas, cipós e sementes coletados na floresta ao redor da aldeia

dimensões: 00 x 00 x 00 cm

Descrição:
A trama de barbante, estruturada por uma moldura de cipó, revela mais do que beleza: ela carrega a força dos homens Mehinaku. Nos fios que entrelaçam memórias e na firmeza das amarrações, está presente um saber ancestral que atravessa gerações. Esse conhecimento agora reveste a Poltrona Ariranha, levando ainda mais longe a cultura Mehinaku e reforçando, em cada detalhe, sua importância e identidade.

title | year: Giant Otter Armchair | 2025
artist: Maria Fernanda Paes de Barros + Kawakanamu Mehinaku

technique: Woodwork and braiding

material: Freijo solid wood and cotton yarn dyed with tree bark, vines and seeds collected in the forest surrounding the village

dimensions: 00 x 00 x 00 cm

Description:
The twine weave, structured by a vine frame, reveals more than beauty: it carries the strength of the Mehinaku people. In the threads that intertwine memories and in the firmness of the ties, there is an ancestral knowledge that spans generations. This knowledge now covers the Ariranha Armchair, taking Mehinaku culture even further and reinforcing, in every detail, its importance and identity.



Foto: Maria Fernanda Paes de Barros

Foto: Kulikyrda Mehinaku



título | ano: Banco Buriti | 2025
artista: Kulikyrda Mehinaku + Maria
Fernanda Paes de Barros

técnica: Escultura

material: Madeira maciça e folhas de
buriti

dimensões: 137 C x 40 L x 35 A (cm)

Descrição:
O buritizal e o rio Mirassol, que banha a aldeia, se confundem. As palmeiras de diferentes alturas, que renovam suas folhas o ano todo, parecem brotar da água e envolver o rio, como se o protegessem. Foi a partir desse olhar que nasceu o Banco Buriti – uma peça que parte do tradicional banco canoa e ganha folhas de buriti, acolhendo quem desejar descansar.

title | year: Buriti Bench | 2025
artist: Kulikyrda Mehinaku + Maria
Fernanda Paes de Barros

technique: Sculpture

material: Solid wood and buriti leaves

dimensions: 137 W x 40 D x 35 H (cm)

Description:
The buriti palm grove and the Mirassol River, which flows through the village, blend together. Palm trees of different heights, which renew their leaves year-round, seem to sprout from the water and envelop the river, as if protecting it. This perspective gave rise to the Buriti Bench - a piece inspired by the traditional canoe bench and adorned with buriti leaves, welcoming those who wish to rest.



Foto: Kulikyrda Mehinaku

saia xingu



Foto: Lucas Rosin

título | ano: Saia Xingu | 2025
artistas: Kuaywalu Aweti + Maria
Fernanda Paes de Barros +
Douglas Tavares + Maria Helena
+ Fernanda Ventura

técnica: Trançado, costura e tingimento
natural

material: Fios de buriti + fios de algodão +
shantung de seda

dimensões: 100 C x 94 A (cm)

Descrição:
Era uma vez uma rede. O trabalho artesanal
com fios de buriti, realizado pelas mulheres
da aldeia Kaupūna, é resistente e carrega a
história do povo Mehinaku. Com esses fios,
elas tecem redes – mas podem ir além, criando
outras peças e disseminando ainda mais o
conhecimento sobre sua cultura e tradições.

title | year: Xingu Skirt | 2025
artists: Kuaywalu Aweti + Maria
Fernanda Paes de Barros +
Douglas Tavares + Maria Helena
+ Fernanda Ventura

technique: Braiding, sewing and natural
dyeing

material: Buriti yarn + cotton yarn + silk
shantung

dimensions: 100 W x 94 H (cm)

Description:
*Once upon a time, there was a hammock! The
handcrafted buriti threads, made by the women
of the Kaupūna Village, are resilient and carry
the history of the Mehinaku people. With these
threads hey weave hammocks - but they can go
further, creating other pieces and disseminating
knowledge about their culture and traditions.*



Foto: Lucas Rosin

veste ariranha

Foto: Lucas Rosin



título | ano: Veste Ariranha | 2025

artistas: Yahati Mehinaku + Maria
Fernanda Paes de Barros

técnica: Trançado e tingimento natural

material: Fios de buriti + fios de algodão
tingidos com cascas, cipós e
sementes coletados na floresta
ao redor da aldeia

dimensões: 50 C x 90 A (cm)

Descrição:
Quem veste a máscara da Ariranha é envolto por longos fios de buriti, entrelaçados com cuidado pelos homens Mehinaku. Na parte superior da peça, os fios finos de buriti são alinhavados por fios mais grossos, formando pequenos grupos e criando uma padronagem delicada. Ao enxergar a possibilidade de levar esse saber para a moda, a única alteração foi a inserção de fios de barbante coloridos, que ressaltam as linhas horizontais e dão movimento à peça.

title | year: Veste Ariranha | 2025

artists: Yahati Mehinaku + Maria
Fernanda Paes de Barros

technique: Braiding and natural dyeing

material: Buriti yarn + cotton yarn
dyed with bark, vines and
seeds collected in the forest
surrounding the village

dimensions: 50 W x 90 A (cm)

Description:
The wearer of the Giant Otter mask is wrapped in long buriti threads, carefully woven by Mehinaku men. At the top of the piece, the thin buriti threads are strung with thicker threads, forming small groups and creating a delicate pattern. Seeing the possibility of applying this expertise to fashion, the only change was the addition of colored strings, which emphasizes the horizontal lines and add movement to the piece.



Foto: Lucas Rosin



EXPOSIÇÃO: REFLEXOS INDÍGENAS
NO DESIGN CONTEMPORÂNEO

EXHIBITION: *INDIGENOUS REFLECTIONS
IN CONTEMPORARY DESIGN*

Na página ao lado: exposição Museu A Casa
Opposite page: exhibition at A Casa Museum





O Museu A CASA do Objeto Brasileiro

tem a honra de receber a exposição Xingu: Reflexos Indígenas no Design Contemporâneo, fruto de uma colaboração entre a designer paulistana Maria Fernanda Paes de Barros, fundadora da Yankatu, e as artesãs e os artesãos Mehinaku, do Alto Xingu (MT). A mostra reúne objetos tradicionais desse grupo indígena e criações inéditas que nascem da escuta, da convivência e do respeito mútuo, valores que constituem pilares da atuação do Museu A CASA desde sua fundação, há quase trinta anos.

Mais do que apresentar obras, a exposição convida o público a refletir sobre as possibilidades de futuros quando os encontros entre saberes são conduzidos com ética, cuidado e horizontalidade. O Museu A CASA compreende que os espaços culturais têm a responsabilidade de mediar essas confluências com escuta atenta e compromisso com a preservação das tradições, sem abrir mão da inovação e da coautoria, desde que pautadas por contratos justos e equilibrados. É nesse espírito que acolhemos esta mostra: como um território fértil de trocas, reconhecimento e valorização da diversidade cultural brasileira.

O projeto nasce do desejo de valorizar saberes tradicionais que, embora ainda

The Museu A CASA do Objeto Brasileiro

is honored to host the exhibition *Xingu: Indigenous Reflections in Contemporary Design*, the result of a collaboration between São Paulo-based designer Maria Fernanda Paes de Barros, founder of Yankatu, and the Mehinaku artisans of the Upper Xingu (MT). The exhibition brings together traditional objects from this Indigenous group and newly created pieces born from listening, coexistence, and mutual respect – values that have been pillars of the Museu A CASA's work since its foundation nearly thirty years ago.

More than presenting artworks, the exhibition invites the public to reflect on the possibilities of futures that emerge when encounters between different forms of knowledge are guided by ethics, care, and horizontality. The Museu A CASA understands that cultural spaces have the responsibility to mediate these convergences with attentive listening and a commitment to preserving traditions, without renouncing innovation and co-authorship – provided these are grounded in fair and balanced agreements. It is in this spirit that we welcome this exhibition: as a fertile territory for exchange, recognition, and the celebration of Brazilian cultural diversity.

The project stems from the desire

Na página ao lado: exposição Museu A Casa
Opposite page: exhibition at A Casa Museum



Foto: ZZ foto e vídeo



Foto: ZZ foto e vídeo



Foto: ZZ foto e vídeo

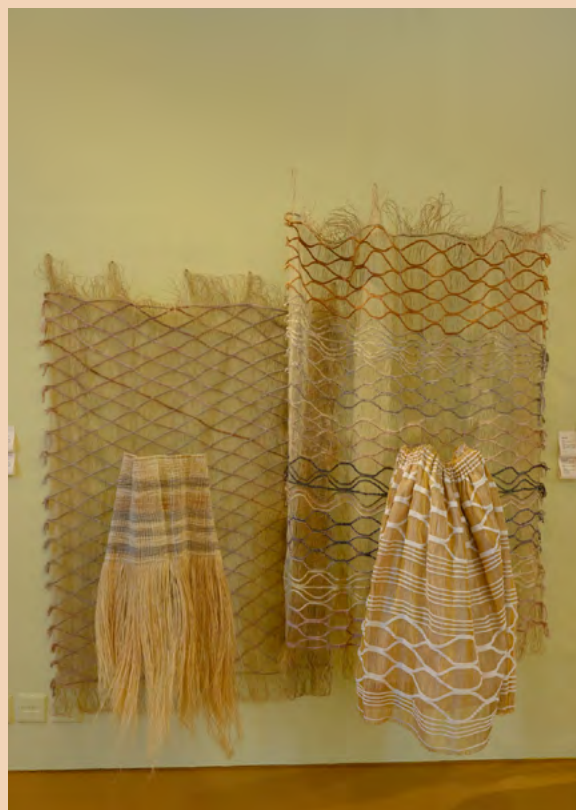


Foto: ZZ foto e vídeo

não tenham o mesmo reconhecimento dos emblemáticos bancos zoomorfos esculpidos pelos homens Mehinaku, carregam um imenso valor estético, simbólico, cultural e identitário, sobretudo para as mulheres da etnia. Ao destacar o uso do buriti e dos fios de algodão tingidos naturalmente em oficinas criativas, a mostra convida o público a reconhecer a riqueza e a complexidade dessas técnicas. Assim, propõe-se um novo olhar sobre essas manifestações no campo do design contemporâneo.

Ao ampliar o repertório do design nacional por meio da presença viva do conhecimento Mehinaku, a exposição reafirma uma das missões centrais da instituição: oferecer ferramentas formativas e educativas que possibilitem novas leituras sobre o Brasil, suas culturas originárias e suas expressões contemporâneas. Nesse sentido, a mostra não é apenas uma celebração da beleza formal dos objetos apresentados, mas um convite ao engajamento com temas fundamentais como sustentabilidade, memória, identidade e pertencimento.

Com recursos de acessibilidade e um conjunto de ações complementares, como o minidocumentário, o catálogo virtual e atividades educativas, a mostra reforça o compromisso do Museu A CASA com a democratização do acesso à cultura e à arte, promovendo uma experiência sensível, inclusiva e singular para públicos de todas as idades.

Ao incentivar o protagonismo de artesãos e artesãos indígenas e valorizar suas práticas

Na página ao lado: exposição Museu A Casa
Opposite page: exhibition at A Casa Museum

to value traditional knowledge that, although not yet as widely recognized as the emblematic zoomorphic stools carved by Mehinaku men, carries immense aesthetic, symbolic, cultural, and identity value – especially for the women of the community. By highlighting the use of buriti and naturally dyed cotton threads in creative workshops, the exhibition invites the public to acknowledge the richness and complexity of these techniques. In doing so, it proposes a new lens through which to view these practices within the field of contemporary design.

By expanding the repertoire of Brazilian design through the living presence of Mehinaku knowledge, the exhibition reaffirms one of the institution's core missions: to offer educational and formative tools that enable new interpretations of Brazil, its Indigenous cultures, and their contemporary expressions. In this sense, the exhibition is not only a celebration of the formal beauty of the objects presented but also an invitation to engage with fundamental themes such as sustainability, memory, identity, and belonging.

With accessibility resources and a set of complementary initiatives – including a short documentary, a virtual catalog, and educational activities – the exhibition reinforces Museu A CASA's commitment to democratizing access to culture and art, offering a sensitive, inclusive, and singular experience for audiences of all ages.

By encouraging the protagonism of Indigenous artisans and valuing their

ancestrais em diálogo com o design contemporâneo, Xingu: Reflexos Indígenas no Design Contemporâneo evidencia que preservar a memória é também reinventar caminhos que podem ser construídos a muitas mãos.

Mariana Lorenzi

Diretora artística - Museu A CASA do Objeto Brasileiro

ancestral practices in dialogue with contemporary design, Xingu: Indigenous Reflections in Contemporary Design makes clear that preserving memory also means reinventing pathways that can be built by many hands.

Mariana Lorenzi

Artistic Director – Museu A CASA do Objeto Brasileiro

Na página ao lado: exposição Museu A Casa
Opposite page: exhibition at A Casa Museum

Foto: ZZ foto e vídeo



Foto: ZZ foto e vídeo





Xingu – Reflexos Indígenas no Design

Contemporâneo é uma exposição que nasce da convivência e da colaboração entre o povo Mehinaku, do Alto Xingu, e a Yankatu. Mais do que apresentar objetos, esta exposição propõe uma travessia: um processo de aproximação entre o fazer tradicional indígena e o pensamento criativo no design contemporâneo, construído a partir da soma de saberes. Ao longo de anos de encontros, foi tomando forma uma iniciativa que integra conhecimentos, amplia repertórios e reforça a potência do artesanato como expressão cultural viva, coletiva e pulsante.

O que começou em 2019, com uma visita à aldeia Kaupūna, transformou-se em uma relação contínua, marcada por trocas genuínas, aprendizados profundos e vínculos que se fortalecem a cada ano. Nesse percurso, aprofundei meu olhar sobre a beleza e as complexidades do povo Mehinaku, cujas expressões artesanais são amplamente reconhecidas pelos bancos zoomorfos esculpidos pelos homens – peças de rara precisão técnica e carregadas de simbolismo. Mas foi o fazer feminino, nas rodas de fiandeiras que transformam a fibra do buriti em fio, que mais me comoveu. Ali, entre mães, filhas e avós, percebi que existia uma história cotidiana e essencial que ainda não havia cruzado as fronteiras da aldeia

Xingu – Indigenous Reflections in

Contemporary Design is an exhibition born from the coexistence and collaboration between the Mehinaku people of the Upper Xingu and Yankatu. More than presenting objects, this exhibition proposes a crossing: a process of bringing together Indigenous traditional making and contemporary design's creative thinking, built from the merging of different bodies of knowledge. Over years of encounters, an initiative has taken shape – one that integrates wisdom, expands repertoires, and reinforces the strength of craft as a living, collective, and pulsating cultural expression.

What began in 2019 with a visit to the Kaupūna village has transformed into an ongoing relationship, marked by genuine exchanges, profound learning, and bonds that grow stronger each year. Along this journey, I deepened my understanding of the beauty and complexities of the Mehinaku people, whose artisanal expressions are widely recognized through the zoomorphic stools carved by the men – pieces of rare technical precision, filled with symbolism. Yet it was the women's work, in the spinning circles that transform buriti fiber into thread, that moved me the most. There, among mothers, daughters, and grandmothers, I realized there was a daily and essential story that had not yet crossed the boundaries of the village with

Na página ao lado: exposição Museu A Casa
Opposite page: exhibition at A Casa Museum



com a mesma força. Este projeto também é sobre isso: sobre dar visibilidade ao fazer das mulheres, e sobre reconhecer o buriti como elo, linguagem e herança viva.

A exposição se organiza em dois núcleos curatoriais que se entrelaçam. O Núcleo Tradicional, com curadoria do artista Kulikyrda Mehinaku, apresenta a riqueza dos saberes ancestrais de seu povo em sua forma mais integral e autêntica. São obras que nascem da relação íntima entre território, memória e espiritualidade, expressando uma cultura viva que pulsa no cotidiano.

O Núcleo Contemporâneo, que assino como curadora, reúne peças desenvolvidas em processos de cocriação entre mim e os artesãos da aldeia. Cada obra reflete um percurso de escuta e construção conjunta, em que o design se posiciona como ferramenta de aproximação – nunca como intervenção.

As peças tradicionais ganham novas tonalidades com fios de algodão tingidos com pigmentos da floresta, um saber incorporado às expressões artesanais de um povo que mantém viva a beleza de sua arte. A soma também acontece por meio do diálogo, que permite criar juntos, num vai e vem de ideias até que a forma encontre seu sentido e carregue a mensagem de união. E, como em toda via de mão dupla, o design também se transforma nesse processo – agora registrado em esteiras de madeira maciça que recontam a história por novas perspectivas.

the same strength. This project is also about that: about giving visibility to the work of women and recognizing buriti as a bond, a language, and a living heritage.

The exhibition unfolds in two interwoven curatorial sections. The Traditional Section, curated by artist Kulikyrda Mehinaku, presents the richness of his people's ancestral knowledge in its most integral and authentic form. These are works born from the intimate relationship between territory, memory, and spirituality – expressing a living culture that pulses through everyday life.

The Contemporary Section, which I sign as curator, brings together pieces developed through co-creation processes between myself and the artisans of the village. Each work reflects a path of listening and shared construction, in which design positions itself as a tool for connection – never as intervention.

Traditional pieces gain new tones through cotton threads dyed with pigments from the forest, a knowledge now woven into the artisanship of a people who keep the beauty of their art alive. This merging also happens through dialogue, which allows us to create together, in a back-and-forth of ideas until form finds its meaning and carries a message of union. And, as in every two-way path, design is also transformed in this process – now recorded in solid wood mats that retell the story from new perspectives.

Na página ao lado: exposição Museu A Casa
Opposite page: exhibition at A Casa Museum

Foto: ZZ foto e vídeo



Foto: ZZ foto e vídeo





Foto: ZZ foto e vídeo



Foto: ZZ foto e vídeo

Fazer curadoria, neste contexto, é cuidar. É observar, perguntar e, sobretudo, aprender. É construir pontes que não sobrepõem, mas revelam caminhos possíveis de coexistência entre o design e os saberes tradicionais, em que ambos se fortalecem.

Que esta exposição seja, para quem chega, uma experiência de abertura: para novas formas de ver, para outros tempos de fazer e para diferentes maneiras de nos relacionarmos com as culturas e com o planeta.

Maria Fernanda Paes de Barros

Curadora e Idealizadora
Projeto Xingu – Reflexos Indígenas no Design Contemporâneo

To curate, in this context, is to care. It is to observe, to ask, and above all, to learn. It is to build bridges that do not overlap one another, but reveal possible paths of coexistence between design and traditional knowledge – where both are strengthened.

May this exhibition be, for those who arrive, an experience of opening: to new ways of seeing, to different tempos of making, and to new ways of relating to cultures and to the planet.

Maria Fernanda Paes de Barros

Curator and Creator
Xingu – Indigenous Reflections in Contemporary Design Project

Na página ao lado: exposição Museu A Casa
Opposite page: exhibition at A Casa Museum



IMPACTO e PROPÓSITO

IMPACT AND PURPOSE

Abaixo / Below: Surui Dudu Mehinako, Talaguai Lucas Mehinako, Yapanapa Kane Mehinako, Maria Fernanda Paes de Barros, Keyeriri Giovanni Mehinako, Talatalakuma Yankee Aweti, Marikawa Nando Mehinako





O Projeto Xingu vai além da criação de objetos ou da valorização estética de uma cultura. Sustenta-se em relações construídas com tempo, respeito e presença. Por meio da troca, propõe um modo de criação que valoriza o conhecimento tradicional, reconhece a potência do fazer coletivo e reforça diversas iniciativas pelo Brasil que buscam fortalecer a autonomia de comunidades artesanais, sem que elas precisem abrir mão de suas identidades.

Os impactos surgem em diferentes dimensões. No âmbito comunitário, o projeto fortalece práticas locais e amplia possibilidades econômicas.

No campo simbólico, ressignifica o design

como ferramenta de conexão entre territórios, saberes e gerações – não como solução externa, mas como linguagem que pode ser atravessada e reinterpretada por diversas perspectivas.

Ao final, o que se apresenta não é um produto acabado, mas o início de uma caminhada longa, plural e horizontal. Um convite a imaginar outras formas de colaboração que respeitem os diferentes tempos das coisas e das pessoas.

Que este catálogo seja mais que um registro; que seja a continuação de algo que nasceu no território do Xingu – enraizado na sabedoria de seu povo – e agora se espalha em redes vivas, capazes de conectar, transformar e inspirar.

Acima: Povo Mehinaku e equipe Yankatu ao final da viagem à aldeia Kaupūna
 Acima: Mehinaku people and Yankatu team at the end of the trip to Kaupūna village

The Xingu Project goes beyond the creation of objects or the aesthetic appreciation of a culture. It is sustained by relationships built with time, respect, and presence. Through a process of exchange, it proposes a creative method that values traditional knowledge, recognizes the power of collective action, and reinforces numerous initiatives throughout Brazil that aimed to strengthen the autonomy of artisanal communities without forcing them to to relinquish their identities.

The impacts manifest in different dimensions. At the community level the project strengthen local practices and expand economic opportunities.

Symbolically, it redefines design as a tool

for connecting territories, knowledge, and generations – not as an external solution, but as a language that can be interpreted and reinterpreted from different perspectives.

In the end, what emerged is not a finished product, but the beginning of a long, plural and horizontal journey. An invitation to imagine other forms of collaboration that respect the different times of things and people.

May this catalog be more than a record; that it be the continuation of something that was born in the Xingu territory – rooted in the wisdom of its people – and now spreads in living networks, capable of connecting, transforming, and inspiring.



Na página ao lado: Casa dos homens, na aldeia Kaupūna
Opposite page: Men’s house, in Kaupūna village

FICHA técnica

CREDITS

Idealização / <i>Idealization</i> : _____	Maria Fernanda Paes de Barros
Coordenação Geral / <i>General Coordination</i> :__	Maria Fernanda Paes de Barros
Produção Executiva / <i>Executive Production</i> :__	Angelo Miguel Lima
Produção Local / <i>Local Production</i> :_____	Kulikyrdá Mehinako
Pesquisa Tintorial / <i>Dyeing Research</i> :_____	Maibe Marocollo (Matrricaria)
Identidade Visual / <i>Visual Identity</i> :_____	Maria Helena Emediato
Design Gráfico / <i>Graphic Design</i> :_____	Maria Helena Emediato
Textos / <i>Texts</i> :_____	Angelo Miguel Lima
Revisão / <i>Revision</i> :_____	Fernanda Prates de Mendonça
Tradução / <i>Translation</i> :_____	Maria Fernanda Paes de Barros
Curadoria / <i>Curatorship</i> : _____	Kulikyrdá Mehinako e Maria Fernanda Paes de Barros
Expografia / <i>Expography</i> : _____	Daniela Karam Vieira
Montagem / <i>Assembly</i> : _____	Rosemi Amorim da Silva
Filmmaker / <i>Filmmaker</i> : _____	Victor Affaro
Edição de Vídeo / <i>Video Editing</i> :_____	Fabio Mota e Rita Basile
Legendas, Libras e Audiodescrição (Vídeo):	Temporal Produtora de Acessibilidade e Comunicação
Fotos / <i>Photos</i> : _____	Lucas Rosin
Assistente de Foto / <i>Photo Assistant</i> :_____	Carolina Magliari
Ass. Comunicação / <i>Communications Office</i> :	Bacuri Comunicação
Assessoria de Imprensa / <i>Press Office</i> : _____	Bacuri Comunicação
Contabilidade / <i>Accounting</i> : _____	JRC Assessoria Contábil
Gestão de Incentivo, Controladoria e Prestação de Contas / <i>Incentive Management, Controllership, and Accountability</i> :_____	Versa Cultural
Consultoria Jurídica	BSA Advogados
Apoio / <i>Support</i> : _____	The Dealers and Garland Magazine
Parceria / <i>Partnership</i> :_____	Museu A CASA
Patrocínio / <i>Sponsorship</i> :_____	Sherwin-Williams do Brasil
Realização / <i>Production</i> :_____	Ministry of Culture and Yankatu via the Culture Incentive Law



Foto: Lucas Rosin



artistas
artiststs

Abaixo/ Below:: Kamaiulalu Mehinako Kawakanamu Mehinako , Kawiru Mehinako,
Kayanaku Aweti, Makuai Mehinako, Paipualu Mehinako, Pakuiura Mehinako, Takulalu
Mehinako, Wayuni Lili Mehinako, Yahati Mehinaku, Yamanipalu Alice Mehinako

Iepelo Mehinako
Kamaiulalu Mehinako
Kawakanamu Mehinako
Kawiru Mehinako
Kayanaku Aweti
Kulikyrdá Mehinako
Kuyawalu Aweti
Maithiakalu Mehinako
Makuai Mehinako
Maria Fernanda Paes de Barros

Paipualu Mehinako
Pakuiura Mehinako
Takulalu Mehinako
Tsukuyut Raisa Mehinako
Ufeku Samira
Waxamani Mehinako
Wayuni Lili Mehinako
Yahati Mehinaku
Yamanipalu Alice Mehinako
Yaritsu Waura





agradecimentos

acknowledgments

Manifestamos nossa profunda gratidão a toda equipe pela dedicação, empenho e cuidado com cada detalhe deste projeto: Carol Magliari, Daniel Freire, Daniela Karam Vieira, Kulikyda Mehinako, Lucas Rosin, Maibe Marocco, Maria Helena Emediato, Rita Basile, Rosemi Amorim e Victor Affaro – vocês foram essenciais.

Agradecemos também ao Museu A Casa por acolher a exposição e chancelar institucionalmente o projeto; à The Dealers, pelo registro dos momentos preciosos; à Garland Magazine, pelo espaço e divulgação global; à Sherwin-Williams do Brasil, por acreditar no potencial deste trabalho; e, especialmente, ao povo Mehinaku da aldeia Kaupūna, cuja confiança e entrega tornaram este sonho possível e inspirador.

Estendemos nossa gratidão aos amigos que, de formas diversas, contribuíram nos meses que antecederam este momento: Junior Guimarães, por sua generosidade em nos conectar a potenciais patrocinadores, possibilitando o encontro com Patrícia Fecci, Beatriz Luz e Stefany Braga da Sherwin-Williams do Brasil, que ajudaram a tornar realidade este projeto; Neeltje Thomas, pela sensibilidade que deu vida a algumas obras no estúdio da Yankatu; Sheila

We express our deep gratitude to the entire team for their dedication, commitment, and attention to every detail of this project: Carol Magliari, Daniel Freire, Daniela Karam Vieira, Kulikyda Mehinako, Lucas Rosin, Maibe Marocco, Maria Helena Emediato, Rita Basile, Rosemi Amorim, and Victor Affaro – you were essential.

We also thank Museu A CASA for hosting our exhibition and institutionally endorsing the project; The Dealers for capturing precious moments; Garland Magazine for providing the space and worldwide publicity, Sherwin-Williams Brazil for believing in the potential of this work; and especially the Mehinaku people of the Kaupūna village, whose trust and dedication, made this dream possible and inspiring.

We extend our gratitude to our friends who, in various ways, contributed in the months leading up to this moment: Junior Guimarães, for his generosity in connecting us with potential sponsors, allowing us to meet Patrícia Fecci, Beatriz Luz, and Stefany Braga of Sherwin-Williams Brazil, who helped make this project a reality; Neeltje Thomas, for her sensitivity that brought some of the works to life in the Yankatu studio; Sheila Maioralli, for dedicating time and attention to our questions with kindness; Olívia

Maioralli, por dedicar tempo e atenção às nossas dúvidas com carinho e delicadeza; Olívia Bonan, pelo aconselhamento cuidadoso em todas as fases do projeto; Fábio Mota, pelo olhar que ajudou a compor nosso mini documentário; e Maria Helena Emediato, que traduziu a alma do projeto em seu logo, vibrou a cada conquista, nos ouviu nos momentos difíceis e realizou um trabalho impecável.

Agradecemos também à equipe da FUNAI, que colaborou na análise dos documentos para que pudéssemos adentrar o Território Indígena do Xingu com respeito e integridade.

Registramos nestas páginas nossa imensa gratidão.

Bonan, for her careful advice throughout all phases of the project; Fabio Mota, for the insight that helped create our mini-documentary; and Maria Helena Emediato, who translated the soul of the project into its logo, celebrated each achievement, listened to us during difficult times, and did impeccable job.

We also thank the FUNAI team, which collaborated in the analysis of the documents so that we could enter the Xingu Indigenous Territory with respect and integrity.

We register our immense gratitude in these pages.

**Maria Fernanda Paes de Barros
e Angelo Miguel Lima**

**Maria Fernanda Paes de Barros
and Angelo Miguel Lima**

Apoio:



THE DEALERS



Parceria:

museu
A CASA
do objeto brasileiro

Patrocínio:

SHERWIN
WILLIAMS.

Realização:

YANKATU

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO



YANKATU

ART + DESIGN + CULTURAL HERITAGE